MALOCA ARUAK
ECOLÓGICA

PÃHMURI MANSÃ-WY

CULTURA
Edições
Governo do Estado

Maloca é uma antiga moradia de uma tribo inteira dentro dela, dividida em quartos cercados de palhas brancas, totalmente unidas e fechadas, todos os quartos tinham uma porta, onde moravam as famílias com dez ou doze pessoas no máximo. Todas as malocas sempre tiveram somente duas portas, uma grande na frente, e de fundo menor. As malocas sempre foram grandes casas. Quem comandava era um grande poderoso e perigoso cacique (chefe supremo). Assim o cacique dividia a etnia por classes, o qual era chamado por "Tuxaua". Conjunto de classes forma etnia e tem seus nomes das classes, o qual são chamados os nomes até nos tempos atuais.

Espaço central era o lugar onde eles faziam suas festas folclóricas, como: danças das Kuinas (capiwai), dabukuri (festas das farturas), ritos de "resistências" para meninos, cerimônia para moças novas, para meninas, animações, brincadeiras como: dança de jabuti, dança de veado, dança de tambor etc. etc. e suas comidas com todo mundo.

Na maloca os esteios grandes do centro representavam (homens) ligação dos índios aos deuses do universo, os esteios médios que são os laterais representam a ligação dos índios com a natureza, a cumeeira principal da maloca representava a coluna vertebral, o trocano (tambor) representava coração da maloca.

As malocas antigas não eram simplesmente casas qualquer e sim eram os templos dos deuses, todos os materiais neles existentes até as pessoas eram benzidos, protegidos, especialmente a maloca era encarnada pelos espíritos. Assim os moradores viviam tranquilos, em harmonia com a natureza.

Durante as festas apenas os homens entravam e saíam pela porta da frente e as mulheres tinha que entrar e sair pela porta do fundo.

Os homens tinham por obrigação de caça, pescar e fazer derrubada de roças, os pesados eram serviços para os homens, e as mulheres ficavam nos serviços domésticos e cuidar das crianças e também muitas das vezes as mulheres ajudavam nos serviços comunitários, como nos artesanatos, nos plantios, ou nas colhetagens, assim sempre viviam ajudando uns aos outros. Todos as coisas que eles precisarem a natureza davam a eles, e nunca pensaram em ricar. Porque a vida dos índios era viver em liberdade, respeitando uns aos outros, seguir sempre as ordens da etnia. Aqui termino relatando as histórias básicas da maloca. Além disso, tem muitas coisas a ser reveladas.

Maloca Aruak Ecológica

Pãhmuri Mahsã-wy

Miguel Sampaio Lana

Maloca Aruak Ecológica
Pãhmuri Mahsã-wy

Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz

Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.

Sumário

APRESENTAÇÃO

O estudo do modo de ser, viver e morar dos povos tradicionais, aqueles que antes de os europeus chegarem, ocuparam e se dedicaram às terras da Amazônia continental, ainda está por ser feito de forma convincente e ampla. Mas precisa ir sendo construído paulatinamente, e por quem tenha informação suficiente para fazê-lo, de preferência e com todas as honras, por representantes desses povos.

O presente trabalho cuida de explicar a forma de edificar e de morar das populações de origem aruak. Demonstra como é a feitura e o uso da maloca ecológica, palmo a palmo, anel a anel. De autoria de Miguel Sampaio Lana um estudioso do assunto e dos filhos de língua aruak, nascido em Pari-Cachoeira, no rio Tiquiê, no alto rio Negro, sendo filho de índio dessano e índia tucana, casado agora com índia tariana, ou seja, com a tradição indígena assegurada, tal como costuma fazer. Sua história de vida, narrada na abertura deste livro, é rica e, por si só, ensina como os homens tenazes se põem diante da vida, conforme a visão e a formação de seu povo de origem.

Este trabalho foi feito especialmente para o Governo do Estado para atender a uma ação desenvolvida pela Secretaria de Cultura no Centro Cultural dos Povos da Amazônia, a partir da edificação da maloca aruak, um dos símbolos que melhor identificam o Centro e de grande representatividade da diversidade cultural amazonense e brasileira. Não bastou fazer, conforme as regras e ensinamentos dos antigos e sábios da família aruak. Era preciso explicar, demonstrar todos os aspectos construtivos, a razão de ser da forma, da estrutura, da localização, e, mais que isso, da essência tradicional que orienta todo o ser e fazer tradicional.

A palavra escrita está nas mãos de quem sabe porque aprendeu com os antepassados, sabe porque viveu a construção do seu tempo na aldeia conforme os ensinamentos que lhe chegaram pelos pais e avós, e porque conheceu que assim é desde tempos imemoriais, e é melhor que seja assim por questões práticas e objetivas de vida.

Neste livro, Miguel Lana cuida dos símbolos, dos ritos, dos deuses, das casas, dos instrumentos musicais, do bastão cerimonial, das vestimentas e objetos de uso pessoal, da rede, do cocar, dos enfeites, da zarabatana e tudo o mais que interesse à caça e à defesa, de tudo, enfim, que pode reunir como importante para traduzir, repito, o modo de ser,

viver e morar que marcam a história dos povos de origem aruak. E a tudo denomina em dessano e em português.

Trata-se de importante contribuição ao estudo dessa riqueza até então conhecida somente dos que nasceram sob o signo aruak, agora distribuída um pouco com nós outros, e que também representa importante possibilidade de ampliar nossa compreensão e respeito por tão ricos saberes.

Robério Braga

Minha história e minha vida

Sou Miguel Sampaio Lana, Dessano de 47 anos, nascido no dia 3/7/1963 na comunidade chamada São João Batista (Warucerakó) do Distrito de Pari-Cachoeira, rio Tiquiê – AM, no interior do município de São Gabriel da Cachoeira, rio Negro-AM. Filho de Graciliano Pimentel Lana, Dessano, e de dona Anita Sampaio, Tukana (Turopõrõ) da comunidade São Francisco, rio Tiquiê – AM. Sou casado tanto no civil quanto na religião católica com dona Madalena Alcântara Lana, Tariana, do Distrito de Iauaretê, rio Waupês – AM. Temos quatro filhos e uma menina, são: Flávio Alcântara Pereira, 29 anos; Edivaldo de Jesus Alcântara Lana, 25 anos; Bernardes Graciliano Alcântara Lana, 23 anos; Janete Alcântara Lana, 16 anos e Rubens André Alcântara Lana, de 12 anos, todos são Dessanos, estão estudando e falamos os idiomas.

Bem, me lembro que eu tinha ficado órfão muito cedo, apenas dois anos e meio de idade.

Em 1966, tinha falecido o meu pai, vítima de malefício, o qual não me lembro de nada. Deixou minha mãe viúva com duas crianças, eu e meu irmão, chamado Cláudio, bebê de apenas um ano de idade. Me lembro malmente que nós sofremos muitos e sentimos muitas dificuldades, e passamos muitas necessidades de todas as consequências naquela época. Vendo nossa situação tão paupérrima, minha querida mãe resolveu ir embora para trabalhar de empregada doméstica na Colômbia, levando meu irmão junto com ela. Deixando-me sozinho junto com seus pais, "meus avôs maternais". Chamados: Alberto Sampaio, Tukano e dona Anita Paz, Dessana, e minha querida tia Avelina Sampaio, Tukana. Fiquei com eles alguns anos. Eles me cuidavam muito bem, graças a Deus. Comida, bebidas e as frutas não faltavam nada, mas eu sentia muita falta da minha mãe, às vezes sempre ia no porto, onde ela embarcou, eu ficava lá brincando e esperando minha mãe voltar e trazer junto com ela o meu pai. "Quando ela foi embora, eu pensava que ela estava indo buscar meu pai". Assim ia passando o tempo, eu crescendo no meio da pobreza, e quase esquecendo a minha mãe. Ela voltou, trazendo algumas coisas boas, e outras coisas muito ruins. Coisas boas: fiquei muito e muito feliz vendo minha mãe voltar para casa, ela ficou feliz, eu mais ainda, ela me encontrou crescido, me abraçou, deu bênção e beijos; abracei meu irmão crescido, falando só castelhano, eu nem entendia o que ele me dizia e nem ele as minhas falas, mas fomos felizes, eu ganhei algumas roupas pela primeira vez na minha vida da

minha mãe. Curiosando perguntei sobre o meu pai, infelizmente ela não respondeu e lagrimou. Coisas ruins: infelizmente ela voltou bastante doente, a doença chamada de "Chagas", o corpo dela estava repleto de feridas; me abraçando, chorou muito e quase desmaiou, estava fraca, dias e noites chorava de tantas as dores, das feridas. Meus avôs e demais outros benzedores faziam suas cerimônias, para curar as doenças. Tinha um dia que a gente estava feliz, e dias tristes, mas eu e meu irmão nem ligávamos isso. Um dia juntamente com seus pais (meus avôs), minha mãe resolveu me entregar para meus avôs paternos. Ela me disse chorando: "Filho, você tem seus parentes, seus avôs, seus tios e tias, e bastante primos irmão, você é Dessano. Peço a você que volte para suas origens, vai aprender seus idiomas Dessano e suas tradições. Por isso lhe digo, meu filho, um dia tu serás homem, eu estou doente, sei, um dia vou morrer. Vai tu primeiro, com seus avôs paternos. Eu disse não vou, ela insistiu e me convenceu. Chorando, obedeci as ordem da minha querida mãe, que estava prestes a morrer. Fiquei muito e muito triste ao separar do meu irmão e da minha mãe pela segunda vez, indo morar longe para outra comunidade, mas na realidade era a comunidade da minha etnia, onde meu pai e minha mãe viveram junto, chamada São João.

O meu avô paterno chamado Manoel Lana "Umuci", Dessano, e dona Maria Paulina Pimentel, Tucana, foram me buscar e me levaram. Na despedida, minha mãe chorou muito, eu também; chorando, falou muitas coisas para meus avôs, e pediu para eles me cuidarem numa boa, disse que ela estava doente. Chegando na minha comunidade, fui bastante bem recebido, pelos meus tios e tias e meus primos (parentes), mas eu sentia muita tristeza no meu coração, especialmente a falta da minha mãe e do meu irmão. Eu tive dias bons e ruins, alegrias e tristezas, choros e sorrisos. Cada coisa de errado que meus primos cometiam, sempre o culpado era eu, o qual sempre acabava apanhando, sobre as coisas que eu nunca tinha cometido. Isso quer dizer, a vida de órfão não é fácil. Assim cresci um menino tímido. Mas mesmo assim eu fui bem cuidado, no modo de dizer. A pessoa que me cuidou e sofreu bastante foi minha avó Maria Paulina Pimentel, Tukana, e avô Manoel Lana, Dessano.

Todas os finais das semanas eu ia visitar a minha mãe, junto com minha avó, mas eu não queria visitar, eu queria ficar para sempre ao lado da minha mãe, e ficar brincando com meu irmão. Todas as vezes quando ela me via, chorava, me abraçava e dava a bênção, e eu a abraçava, chorando, pedia para ficar, e sempre era negado. Cada dia, minha mãe

estava ficando mais fraca e mais perto da morte. A minha esperança era vê-la curada.

Passando alguns meses, soube que ela estava piorando e foi internada no Hospital Salesiano Dom Bosco, de Pari-Cachoeira, o qual passou alguns meses, tratando-se. Vendo que ela não ia melhorar, as irmãs pediram a ela que entregasse meu irmão para avôs paternos. Minha mãe obedecendo, entregou meu irmão, e eu fiquei muito feliz, ao ver ele perto de mim, mas muito triste ao ver sofrimento da nossa mãe. Não vendo a recuperação dela, foi mandada de volta para comunidade. Em alguns dias depois, chegou a notícia ruim para nós, que a nossa mãe estava para morrer, e queria nos ver. A nossa avó, escutando esta notícia, aproximou-se chorando e nos abraçou e disse: a mãe de vocês, meus netos, está pra morrer, vamos visitá-la. E nós respondemos: vamos, vovó. Arrumamos nossas coisinhas e esperamos a avó preparar farinha e defumar os peixes que nós pescamos, a gente ia sair à tarde. Enquanto isso, fomos brincar de esconde-esconde, próximo do igarapé, lá tinha um pau atravessado de um lado para outro. Atravessei correndo, logo vem meu irmão, chegando na metade, escorregou e caiu, acidentou-se gravemente, furou a barriga e um pedaço de madeira gravou no interior do seu corpo. Fiquei assustado, levei ele para casa, ele chorando e gritando, e os meus avôs ficaram desesperados e começaram me xingar e chorar ao mesmo tempo, e vieram me bater, eu corri, fugindo no mato. Lá no mato, eu fiquei pensando na minha mãe e no meu irmão, o que estava acontecendo comigo. Naquele dia, nem senti fome e nem sede, o dia passou tão rápido, e me senti que estava ficando sozinho no mundo. Saí do mato quase seis horas da tarde, e fui procurar minha avó, encontrei ninguém em casa. Encontrei só cachorrão da minha mãe, chorando e latindo (doado pra nós) e uma senhora chamada Josefa "Duhiókó", Tukana, e seu esposo Joanico, de tribo "Maku". A velha me olhou chorando, me abraçou, acolheu-me e falou muitíssimas coisas. Fui para porto, embarquei na canoa, fui brincar na praia sozinho. Onde eu e meu irmão costumávamos brincar todos os dias ao anoitecer. Dessa forma, não acabei indo a ver a morte da minha querida mãe, que tanto me amou. Mas tarde, eu soube que minha mãe tinha falecido, sem a nossa presença. Eu fiquei muito, muito triste sabendo que eu estava ficando órfão de pai e mãe, pensando nisso, chorei muito. Meu irmão acidentado, internado no hospital e prestes a morrer e nossa mãe morta, e eu sozinho na comunidade, não sabendo nada o que fazer. Mas felizmente o meu irmão se recuperou e voltou para casa, mas

perdemos a nossa mãe cedo, e começamos a lutar pela vida, e receber a educação de várias pessoas. Escrevendo isso, eu me emociono bastante, lembrando como era difícil a nossa infância. Crescemos muitos pobres de materiais, sentimos muita falta dos nossos pais, e fomos criados, cuidados pelos nossos avôs paternos, pelos nossos tios e tias. E a gente ficava mais próximo dos nossos avôs, assim eu aprendi as histórias com meu avô e nosso idioma Dessana, e com nossa avó a linguagem Tukana e várias outras histórias antigas e demais outras coisas...

Em 1970, comecei a estudar na nossa comunidade, na Escolhinha chamada Madre Mazzarelo. A minha primeira professora de alfabetização foi a minha tia Madalena Gomes Lana, Dessana, com ela aprendi as primeiras letras vogais e alfabetos, tive muita dificuldade e necessidade, uma coisa que nós tínhamos era vergonha e timidez, ter roupas, cadernos e lápis, igual como outras crianças, nós só tínhamos uma única roupa do corpo, totalmente remendada, e as nossas colegas gozavam de nós, e rasgavam as nossas roupas com as brincadeiras de mau gosto. Mesmo assim, estudamos e aprendemos muitas coisas boas. Dois anos depois, fizemos a primeira comunhão e repetimos várias classes.

Em 1981, terminei o antigo primeiro grau, no colégio chamado Dom Bosco, ou Dom Pedro Massa, em Pari-Cachoeira, rio Tiquiê – AM. Naquela época, os governos militares davam muito apoio ao índio, tinha internato nos colégios, o avião búfalo, em cada quinze dias abasteciam de alimentos. Assim eu estudei, mas eu e meu irmão criamos muitas galinhas e fazíamos artesanatos para comprar as nossas roupas, cadernos, lápis etc. As roupas e outras coisas o governo não dava.

Em 1982, comecei estudar o antigo segundo grau, mas infelizmente, por falta de apoio financeiro, acabei desistindo. De lá pra cá nunca, mais estudei.

Durante esse período, eu soube da morte da minha avó paterna. E o meu irmão também acabou desistindo do estudo, até hoje ele não estudou mais.

Em 1983, ingressei no Exército Brasil, no Primeiro Batalhão de Engenharia em São Gabriel da Cachoeira, rio Negro – AM, o qual me dediquei às honras militares. Aprendi a respeitar e amar a Pátria, e ser um brasileiro nato e verdadeiro. Passei somente um ano, mas aprendi muitas coisas. O quartel pra mim era a terceira escola da minha vida.

No ano seguinte, já casado com a atual mulher, voltei para minha comunidade São João Batista, onde fiquei trabalhando nas roças, nas plantações de maniva, banana, abacaxi etc. Pescando e caçando para poder manter os alimentos em casa e ajudando os trabalhos da comunidade. Pouco depois, surgiram os garimpos. Também trabalhei nos garimpos, onde nunca tive sucesso, cada vez mais eu estava ficando miserável, mas eu tinha muitas esperanças.

Dei aula durante um ano na minha comunidade, onde eu fiquei quase seis meses sem receber os pagamentos. Por isso, desgostei de dar aulas no interior, parei e saí também da comunidade.

No começo do ano de 1992, em São Gabriel da Cachoeira – AM, entrei na construção civil, do Ministério da Aeronáutica, na empresa chamada "Comara", para construir os radares da Aeronáutica do Projeto Sivam.

Trabalhei durante dois anos e meio como ajudante de Serviços Gerais, todo mundo gostou de meu serviço, mas infelizmente veio o corte de funcionalismo público, do governo federal, começando cortes dos servidores de um ano de serviço, de dois anos de serviço, por fim de dois anos e meio, e me atingiu. Eu fui demitido do serviço. Isso era no ano de 1994. Como São Gabriel da Cachoeira não tinha Caixa Econômica na época, eu tinha que vim para Manaus, para poder receber o meu seguro-desemprego. Foi assim que eu fiz.

Esperei alguns meses, nada de chegar o meu seguro. Um dia, soube que tinha uma representação da empresa chamada "Rei do Ovo", daqui de Manaus, em São Gabriel, que estava recrutando as pessoas ou as famílias, para virem a trabalhar na granja aqui em Manaus. Eu também dei meu nome, foi aprovado, e me mandaram com toda minha família de barco, com tudo pago.

No dia primeiro de janeiro de 1995, cheguei aqui em Manaus. Trabalhei na granja chamada Fazenda São Pedro durante cinco anos, do Sr. Chamado Francisco Helder, onde criei meus filhos e me dediquei com prazer os meus trabalhos.

Infelizmente, no dia 15/7/1997, aconteceu o acidente, uma coisa que eu nunca esperava na minha vida. Um carro em alta velocidade, vindo do sentido de Boa Vista para Manaus, na estrada BR-174, no km 3, um pastor evangélico atropelou meu filho de sete anos de idade, que morreu na hora. Vendo a morte do meu filho, chamado Macilênio Ricarnoel A. Lana, pensei em voltar para minha origem, mas acabei

ficando até hoje, desgostado com a morte do meu filho, não quis mais continuar a trabalhar na granja.

No início de 1999, com quatro anos de carteira assinada, eu pedi a minha demissão do trabalho e saí da granja, perdi 50% do meu direito.

No mesmo ano, comecei a trabalhar na "Companhia de Aventuras", no ecoturismo, do coronel do Exército chamado Sávio Costa, onde trabalhei somente quatro meses, e aprendi ser monitor e guia turístico, e conheci vários hotéis da selva, como Ariaú Amazon Tower, Amazon Vilage etc.

No início de 2000 até 2002, minha esposa ficou doente, eu tive que abandonar meus trabalhos para cuidar dela e das crianças, passamos muitas necessidades, e minhas economias acabaram durante esse tempo, e nem podia trabalhar, mas eu, cuidando dela, comecei produzir vários tipos de artesanatos, e vendia baratíssimos no mercado e também plantei muitas plantas medicinais, com isso nós sobrevivemos. Minha esposa quase morreu, mas felizmente ela recuperou-se depois de um ano, hoje está melhor e sempre continua doente.

Em setembro de 2002, fui convidado a participar da filmagem americana chamada *Survive Amazon* (*Sobrevivência na Selva*) como instrutor de sobrevivência na selva durante três meses. Isso foi no Hotel Ariaú, todo mundo gostou o meu trabalho, especialmente os americanos.

Dezembro de 2002, o gerente do Hotel Ariaú contratou-me para trabalhar, como guia e instrutor da sobrevivência da selva e fazer pernoites com turistas na selva. Trabalhei somente alguns meses, mas todos os meus clientes gostavam do meu serviço no hotel.

Agosto de 2003, um turista holandês, residente no Brasil, me chamou a trabalhar na empresa dele, chamada "Gold Field", pesquisa de ouro no Estado do Pará. Assim eu trabalhei na empresa mineradora chamada Gold Field, durante um ano e meio como auxiliar de Campo e operador de GPS, nas florestas do Pará. Assim conheci vários municípios e cidades, como Belém, Tocantins etc. etc. Acabando as pesquisas, fui demitido e fiquei desempregado alguns meses. Foi nesse período que eu comecei a conhecer o índio Tukano chamado Gabriel Gentil (Seripi). Era no início de 2004, ele me disse que estava construindo uma maloca na Bola da Suframa, onde ia funcionar como centro de pesquisas universitárias das culturas indígenas, do alto rio Negro, Waupes, Tiquiê, Papuris, Içana etc., onde também ia ter o benzedor, curandeiro e até o pajé, para fazer cerimônias espirituais, curas com as rezas, entre outras coisas. Infelizmente ele faleceu antes de ser inaugurado esta maloca,

que está representando 23 etnias e 23 linguagens indígenas do interior do município de São Gabriel da Cachoeira – AM, no mapa conhecido como Cabeça do Cachorro.

Depois que o Gabriel morreu, a maloca ficou sem ninguém para cuidar e organizar, e explicar as tradições das culturas indígenas. Antes de começar a funcionar o Centro Cultural dos Povos da Amazônia, Bola da Suframa, fui chamado pela Diretoria, para fazer reforma, organizar e produzir vários objetos de usos pessoais das etnias, e montar os artesanatos dentro da maloca. Como sou artesão indígena, fiz, montei e organizei, entreguei à Diretoria. Assim que acabei de entregar, pediram para ficar monitorando, para explicar sobre as culturas indígenas, para os visitantes, eu aceitei.

Hoje, com maior prazer, recebo várias visitas e as pessoas de todas as idades, de toda parte do Brasil e do mundo. Sei todos, eles ficam admirados vendo a exposição tão diferente e bonito com objetos originais indígenas, ouvindo e aprendendo alguns idiomas indígenas do próprio índio.

Eu me sinto tão feliz de trabalhar aqui e contar as tradições culturais indígenas para os pesquisadores, estudantes públicos e particulares das Faculdades e das Universidades, e demais instituições.

Eu conto mais da minha etnia Dessana, especialmente da minha classe chamada "KEHERI-PORÃ ou YEBOHRERÃ" (Umuhkorimahsã), da 4.ª classe dos Chefes, por isso somos chamados de VIORÃPORÃ. As histórias contadas neste livro são básicas, mas são reais, contadas por meu avô Dessano, mestre das danças, benzedor e curandeiro, chamado Manoel Lana (Umusi).

Sei muito bem que cada etnia tem seus costumes, cerimônias, danças, histórias e linguagens, totalmente diferentes, mas todos são "PAHMURIMAHSÃ, que significa vindo dos enfeites, ou transformado através dos enfeites. Por isso, os índios são seres da "Natureza", que vivem e sobrevivem em harmonia com a natureza.

Obrigado.

Cartilha do Centro Cultural dos Povos da Amazônia

Desenhos são história (Lenda, mito...)
Histórias são palavras
Palavras são símbolos
Símbolos são sinais
Sinais são artes...

Português – Dessano
Desenho – Kehré
Histórias – Goãmarã – Kehré
Palavras – Werenyãry
Símbolos – Wamêtyseh
Sinais – Werery

1. A Maloca Aruak

1.1. Na língua dessana – Bahyalywy
Na língua Aruak – Mihriã – Pohrnwy

Maloca é uma antiga moradia de um tribo inteira dentro dela, dividida em quartos cercados de palhas brancas, totalmente unidas e fechadas, todos os quartos tinham uma porta, onde moravam as famílias com dez ou doze pessoas no máximo. Todas as malocas sempre tiveram somente duas portas, uma grande na frente, e de fundo menor. As malocas sempre foram grandes casas. Quem comandava era um grande poderoso e perigoso cacique (chefe supremo). Assim, o cacique dividia a etnia por classes, o qual era chamado por "tuxauas". Conjunto de classes forma etnia, e tem seus nomes das classes, o qual são chamados os nomes até nos tempos atuais.

Espaço central era o lugar onde eles faziam suas festas folclóricas, como: danças das Kuinas (capiwai), dabukuri (festas das farturas), ritos de "resistências" para meninos, cerimônia para moças novas, para meninas, animações, brincadeiras como: dança de jabuti, dança de veado, dança de tambor etc. etc. e suas comidas com todo mundo.

Na maloca os esteios grandes do centro representavam (homens) ligação dos índios aos deuses do universo, os esteios médios que são os laterais, representam a ligação dos índios com a natureza, a cumeeira principal da maloca representava a coluna vertebral, o trocano (tambor) representava coração da maloca.

As malocas antigas não eram simplesmente casas qualquer e sim eram os templos dos deuses, todos materiais neles existentes até as pessoas eram benzidos, protegidos, especialmente a maloca era encarnada pelos espíritos. Assim os moradores viviam tranquilos, em harmonia com a natureza.

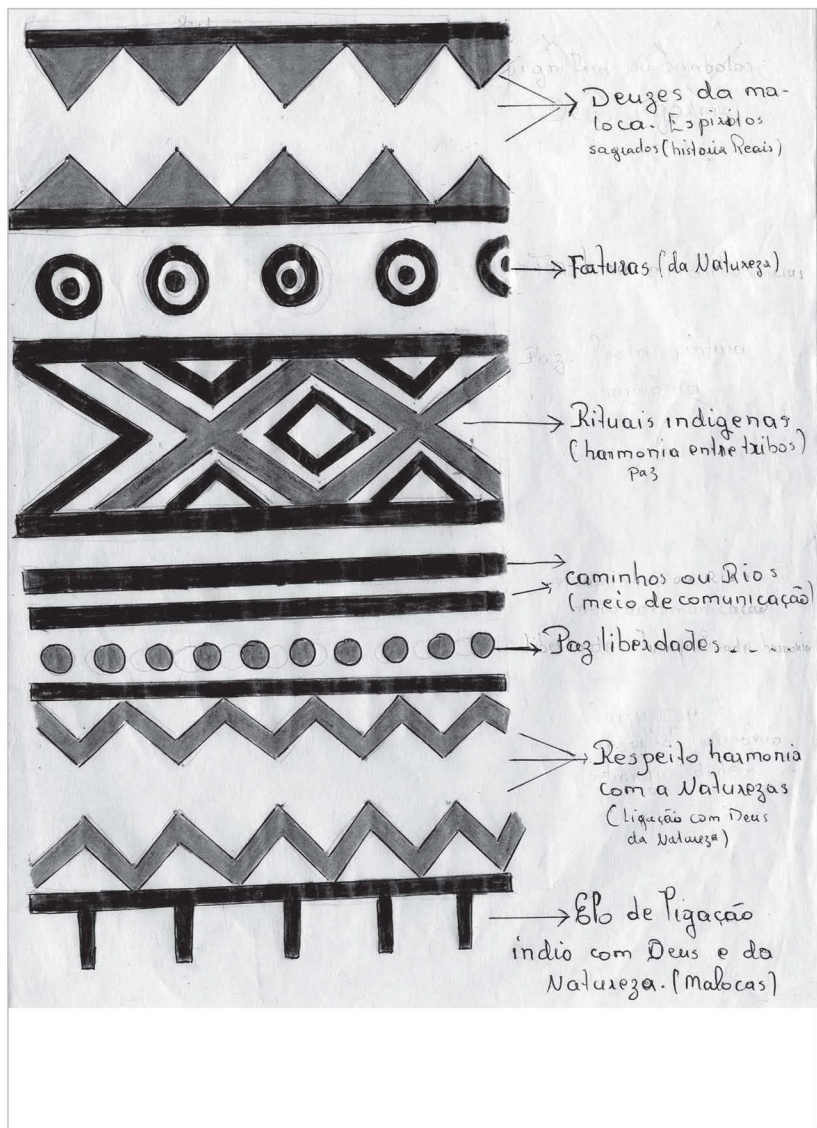
Durante as festas, apenas os homens entravam e saíam pela porta da frente e as mulheres tinha que entrar e sair pela porta do fundo.

Os homens tinham por obrigação de caçar, pescar e fazer derrubada de roças, os pesados eram serviços para os homens, e as mulheres ficavam nos serviços domésticos e cuidar das crianças e também muitas das vezes as mulheres ajudavam nos serviços comunitários, como nos artesanatos, no plantil, ou nas colhetagens, assim sempre viviam ajudando uns aos outros. Todas as coisas que eles precisavam a natureza davam a eles, e nunca pensaram em enricar. Porque a vida dos índios era

viver em liberdade, respeitando uns aos outros, seguir sempre as ordens da etnia. Aqui termino relatando as histórias básicas da maloca. Além disso, tem muitas coisas a serem reveladas.

Dentro da etnia tinha várias pessoas importantes como:

Cacique (viogu) significa chefe da etnia
Tuchaua: médio chefe das classes
Benzedor: profundo conhecer das rezas espirituais e curas
Curandeiro(as): fazia curas através das ervas medicinais (sacacas)
Cantores e mulher acompanhante (Yugó)
Baiá – mestre das danças
Além desses, tinha mais gentes aprendizes (meninos iniciantes).

1.2. Símbolos dos desenhos da frente

1.3. Como surgiu o "mundo" dos Dessanos

1.4. Português – Dessano
Avó do mundo – Yebá Buró

Onde não havia nada, no meio das trevas, ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de quartzo branco. Enquanto estava aparecendo, ela ficou cheia de enfeites, isso se fez um quarto, chamado em Dessano "Uhtãboho taribu" quarto Quartzo Branco.

Também havia coisas misteriosas e invisíveis para ela fazer aparecer, como objetos. Assim ela fez. São seis coisas: um banco de quartzo branco, uma forquilha para segurar o cigarro, uma cuia do ipadu, um suporte de cuia, uma cuia de farinha de tapioca e outro suporte de cuia. [Através destas coisas misteriosas ela se criou, ela não foi criada].

Depois de ter aparecido, ela começou a pensar como deveria ser o mundo. Ela comeu o ipadu, fumou o cigarro e se pôs a pensar como deveria ser o mundo, o seu futuro mundo e os futuros seres da natureza.

De repente, dentro do seu pensamento ou sua imaginação, começou a se levantar algo, como um balão, esse balão era o mundo sem luz, a luz existia somente no quarto dela. Assim ela fez o mundo e deu o nome em dessano Umukowyi "Maloca do Universo".

Depois ela criou cinco trovões e entregou seus poderes para criar humanidades, mas os mesmos não obedeceram e não criaram humanidades e nem a natureza.

E também ela dividiu o mundo em cinco partes e entregou aos trovões e chamou os trovões Avôs do mundo (umukoñehküsüma). Vendo que eles não estavam fazendo nada, criou outro ser que pudesse seguir seus trabalhos. Comeu o Ipadu e fumou seu cigarro e pensou como devia ser. De repente, na fumaça do cigarro, formou-se um ser misterioso, que não tinha corpo. Era um ser que não podia tocar e não podia ver. A Yebá Buró, através de seus misteriosos materiais, como o "Pari", e nele o envolveu e pegou o ser, e depois saudou chamando ele de "Bisneto do mundo" (umukosurãparãmy), o nome verdadeiro dele era "Demugo da terrra" (yebá gõõmu).

Foi ele quem criou os animais e pássaros e peixes e a lua e por último criou as humanidades.

Assim foi feito o mundo na nossa mitologia dessana.

Essa história é um tronco, onde iniciam as histórias indígenas. Tudo como começou com os dessanas, e demais etnias acompanhavam, por

isso somos chamados até no dia de hoje de "umukorimahsã", significa: seres do universo e do dia (dessano).

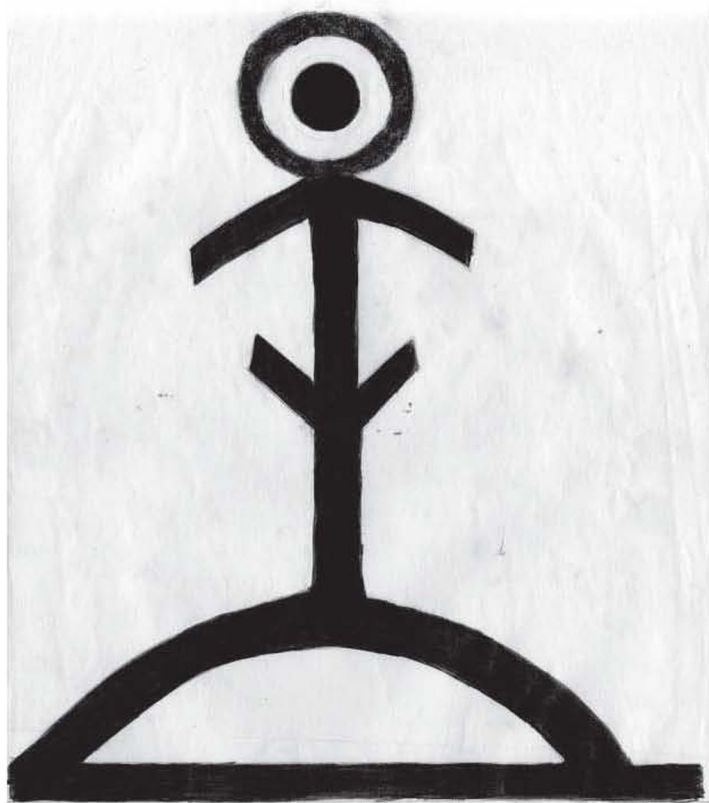
2. Símbolos externos da maloka Aruak

2.1. Dessano: Mahirã Bahariñe
Português: símbolo do nascimento das crianças

Durante o momento do parto, o kumü (benzedor) recebia um sinal antes da criança nascer, o sinal era como se fosse uma batida nas costas, caso a batida fosse forte do lado direito significava que o sexo da criança seria masculino, se a batida fosse do lado esquerdo era sinal que o sexo da criança seria feminino.

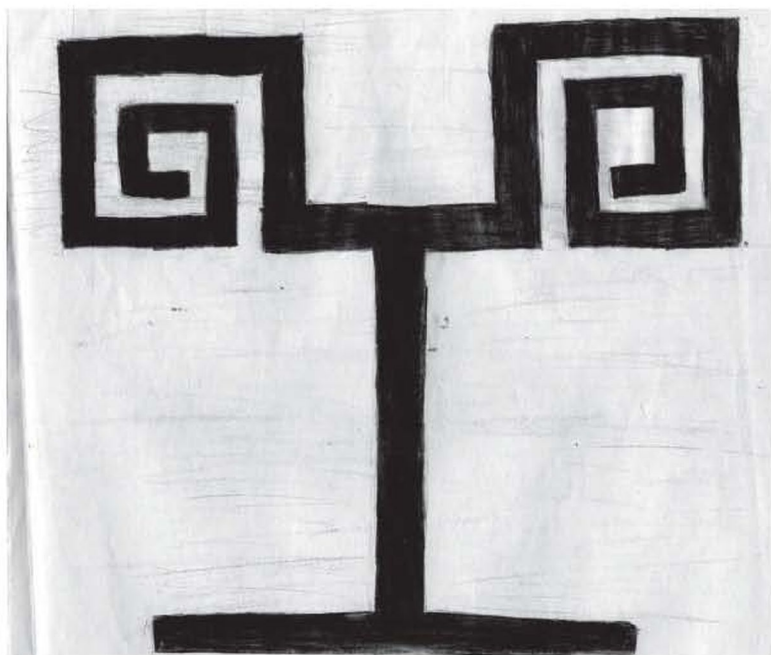
Assim os benzedores nunca erravam e avisavam também os seus pais antecipadamente e confirmavam isso durante o nascimento do bebê.

O pai e a mãe do bebê ficavam um mês de resguardo comendo somente as coisas (comidas e bebidas) benzidas, assim eles preparavam a vida futura do seu filho ou filha, obedecendo as regras da cultura. Os nomes eram sempre escolhidos pelos pais ou benzedores. O nome indígena escolhido tinha uma função social muito importante, dentro da etnia, quando a criança ou adulto ficarem doente benzedor ou pajé com nomes dos batismos eles curavam as pessoas.

Os nomes indígenas são nomes antigos, passando de gerações por gerações, nunca ninguém ate hoje trocaram esses nomes, porque isso são nomes sagrados.

2.2. Dessana: Goã. Ümüciwimü
Português: ligação dos índios com Deus do universo

Este símbolo era uma ligação dos índios com Deus do universo, e da natureza (mistérios dos saberes indígenas). Assim os índios, morando no meio da mata na beira do rio, seja lá onde for, eles nunca foram atacados por onças, cobras, nenhum ser atacava eles. Porque eles pacificavam, benziam e tornavam-se amigos da natureza. Assim os índios viviam protegidos e abençoados, todas as coisas são pessoas que vivem diferente dos humanos. E também através desse Deus eles recebiam as mensagens da seguinte forma: através do canto dos pássaros e das vozes dos animais silvestres ou domésticos ou das acústicas e até das árvores ou no sonho etc.

Deus do universo e da natureza eram grandes parceiros de curas e das cerimônias ou da sabedoria indígena.

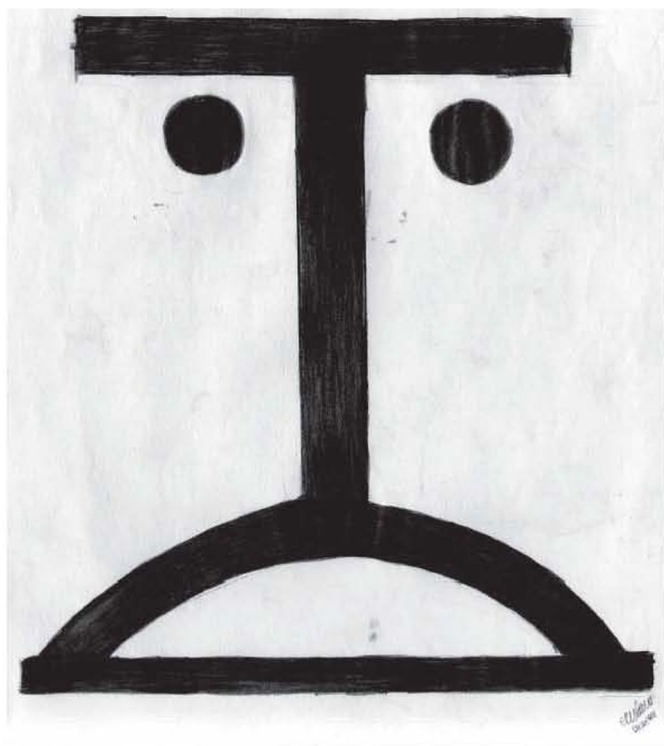
Cada etnia, suas histórias, poderes são diferenciados.

2.3. Dessano: Amoã.Goãmü
Português: Símbolo rito de resistência

Este símbolo é de um deus chamado "Jurupari" (Senhor das músicas). O grande homem criador da festa das farturas e da Dabukuri, o primeiro instrutor dos aprendizes (Amoã mahsã), a formação dos jovens guerreiros.

Cada geração dos jovens antigamente, por obrigação, tinha que passar por testes, para mostrar suas capacidades, suas forças e competências masculinas.

Os instrumentos que ele inventou são chamados de "sagrados", cheios de segredos e mistérios.

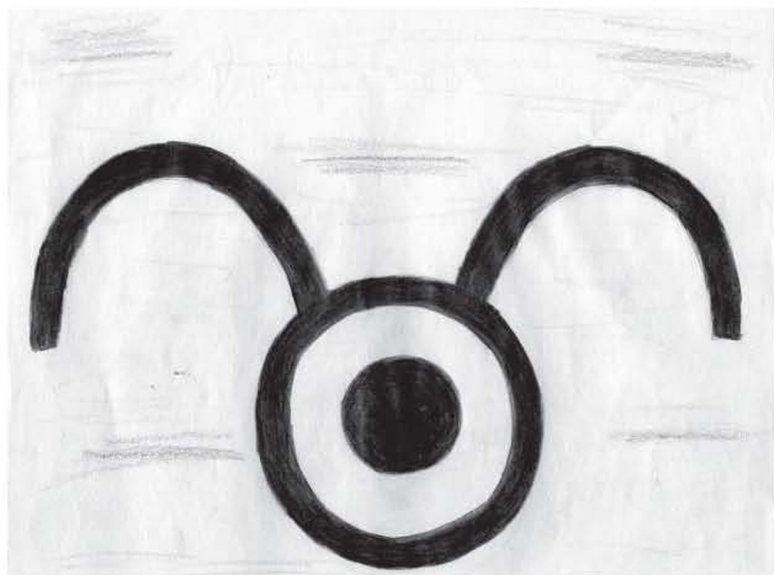
Cada tribo tem seus instrumentos musicais sagrados e seus nomes, e são muitos bem guardados, o qual era tocado somente nas festas das farturas.

Até nos tempos atuais é chamado de Senhor das músicas (Jurupari).

2.4. Dessano : Yei Dumpuru ou Yá Duuduru
Português: Cabeça do pajé ou cabeça da onça

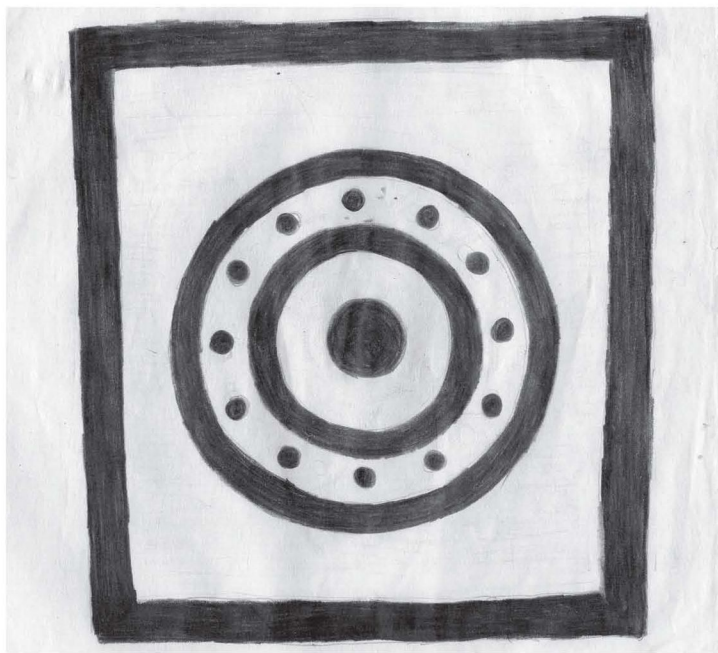
Nessa época antigamente era o período mais perigoso na etnia dessana indígena. Por isso a ordem era benzer e proteger a maloca e todos os moradores da casa. Nesse período muitas vezes surgiam raios de trovoes através de intensas tempestades fortes, arrastando malocas e derrubando árvores gigantescas, os poderes das naturezas mostravam suas forças e vinganças.

Assim apareciam vários tipos de doenças e também apareciam vários ataques das onças humanas (pajé) e as onças selvagens, apareciam "clones humanos", ou seja, pessoas que podiam aparecer de forma idêntica a parentes, dessa forma a pessoa acabava sendo levada fora do caminho e perdendo-se no mato e não consegue mais voltar para casa.

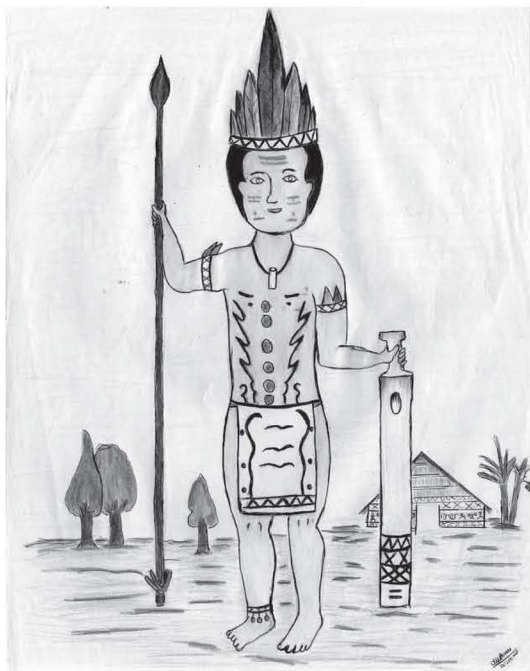
Além desses espíritos, surgiam no mato "mãe da selva", curupiras e vários tipos de bichos da floresta amazônica. As doenças surgiam misteriosamente como ataque do coração, dores de cabeças, diarreias, vômitos, entre outros.

Os pajés ou benzedores e curandeiras faziam suas cerimônias com suas forças, vigiando e benzendo, prevenindo as famílias das malocas. Alguns morriam sem serem salvos das pragas da natureza.

2.5. Dessana: Sîpõrã – Wamétirine
Português: Ciclo de vida, nomes sagrados dos índios

Cada etnia tinha e tem seus nomes sagrados batizados e consagrados nos princípios dos tempos. Dentro da etnia, o indivíduo indígena era vigiado e observado espiritualmente tanto na alma e nome no índio ou nome do seu coração e assim ficava mais forte e perto da vida ou morte, caso se ele cometesse alguns delitos. Quem nunca praticava uma coisa de malefícios vivia muito tempo; aquele que fazia mal às pessoas ele era eliminado secretamente. Por isso, a vida do índio era como se fosse dentro de um cercado, e acima de tudo o mais importante era viver respeitando as pessoas, especialmente os mais velhos, vivendo sempre em harmonia com a natureza.

Até nos dias de hoje, os índios são batizados com o nome da sua etinia e tanto para curar quando ele ficar doente. Os nomes indígenas são comparativos dos nomes dos animais, pássaros, estrelas e dos peixes. Porque os animais e demais outros são da natureza, assim como os índios.

3. Símbolos internos da maloca Aruak

Os deuses da maloca/ Chefe Supremo das Tribos

3.1. Dessano: Wyog3
Português: Cacique

O cacique era um grande chefe, sábio e poderoso pajé que comandava a sua tribo, dividindo a etnia por classe, cada classe tinha seus nomes, seus poderes, seus instrumentos musicais, seus rituais e consagrações; quem comandava as classes eram os "tuxauas"; conjuntos de classes formavam um tribo (etnia).

Dentro da etnia são divididos dois grupos grandes:

- Grupo dos irmãos do cacique, são chamados chefes;
- Grupo dos avôs, são chamados de avôs (guardiões).

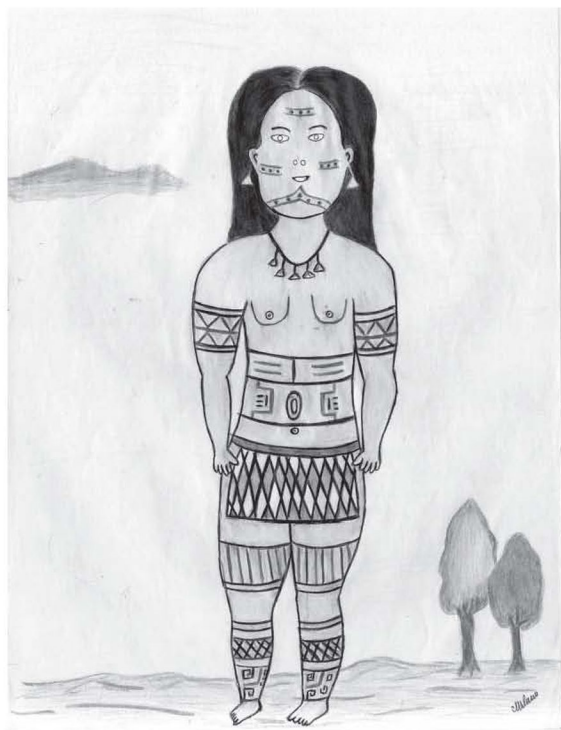
Toda vez quando cacique morria, seu filho primogênito assumia o poder, as filhas do cacique sempre foram chamadas chefes respeitosamente,

mas nunca assumiam o poder. As esposas dos caciques eram sempre muito bem tratadas dentro das tribos.

A função maior do cacique era formar número maior de pajés guerreiros, assim dominar as tribos rivais. Cada tribo respeitava os poderes das ordens dos chefes.

Assim os caciques sempre foram chefes e sempre serão chefes, ninguém vai tirar esse título.

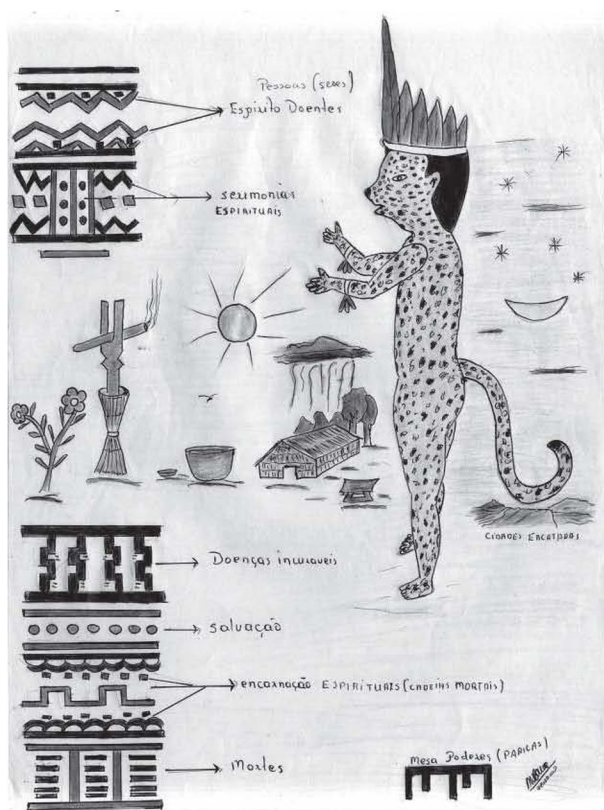
Até hoje, quem nasce no grupo dos chefes desde criança são chamados de chefes, quem nasce no grupo dos avôs desde criança são chamados de avôs.

3.2. Dessano: Wiohgu – Mahrãpo – Bahsurimo
Português: esposa do cacique ou tuxauas (prima)

A esposa da cacique ou tuxaua era a sua prima, filha das tias legítimas ou dos tios, não da mesma etnia, e sim da outra etnia.

Desde quando a criança nascia, já era prometida, assim ninguém podia negar o casamento. Dessa forma, os índios casavam novos (cedo) e quem não queria casar com sua prima, fugia com outra menina para nunca mais voltar para sua comunidade, para não ser maleficiado.

Hoje em dia a história mudou completamente.

Isso que dizer não tem mais casamento certo com os primos ou primas.

3.3. Dessana: Yaý
Português: pajé

O pajé era o líder religioso de poderes dentro de cada tribo. A função maior do pajé era dominar os seres existentes na terra espiritualmente, salvar as vidas, reencarnar espírito para visitar os lugares encantados,

ver e ouvir conversas com seres invisíveis e atacar seus inimigos rivais. Muitas vezes os pajés morriam brigando uns com os outros, inclusive de outras tribos. Quem morria entregava seu poder e o espírito voltava para casa dos paricás.

Havia dois tipos de pajés: Pajé do bem, Pajé do mal (poderoso). Para formar um pajé era necessário ficar jejuando durante dez anos; no máximo, comendo e bebendo poucas coisas totalmente benzidas. Também era totalmente proibido namorar e ter relação sexual, e seguir sempre todas as regras dos instrutores pessoais e espirituais.

Até completar dez anos, e ser consagrado e inspirado por deuses dos paricás. Por isso, era uma pessoa respeitada dentro da tribo, tanto ele quanto sua esposa.

Os paricás são materiais cheios de mistérios e perigosos, não foram inventados pelos índios. Isso surgiu no princípio do mundo.

3.4. Dessano: Yai – Marãpo
Português: Mulher do pajé

Também os pajés casavam com suas primas, eram muito bem respeitadas e amadas pela comunidade. A mulher do pajé tinha que mostrar seu valor igual como do seu esposo, e muitas das vezes os pajés obedeciam às ordem da mulher para fazer os seus rituais da salvação, e seus filhos sempre seguiam a função do pai, e eram reveladas a sabedoria e segredos dos pais.

A mulher representava harmonia familiar...

Para formar pajé, os pais deixavam cheirar os paricás desde as primeiras horas do nascimento do bebê. E era cuidado pelos pais, e o pajé instrutor, até completar dez anos de vida. Esse era verdadeiro pajé consagrado.

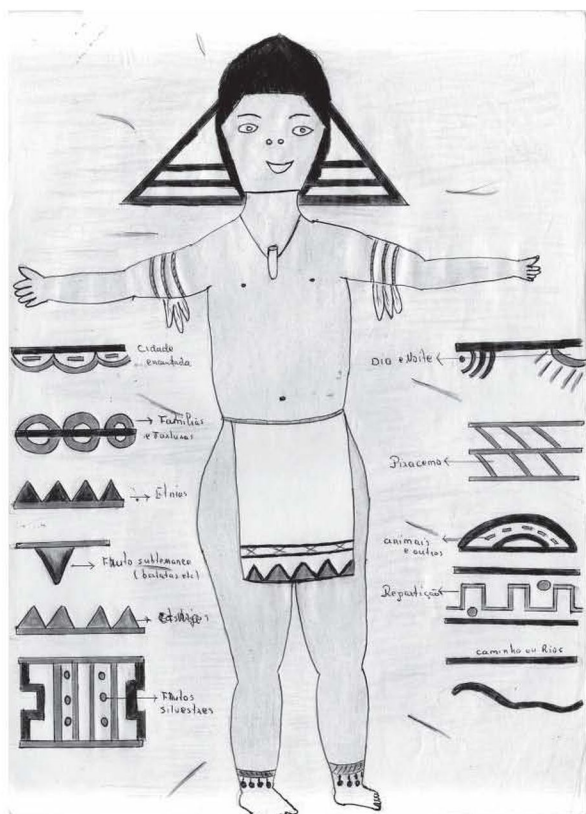
3.5. Dessano: Bahriboo
Português: Deus das farturas (criador dos alimentos)

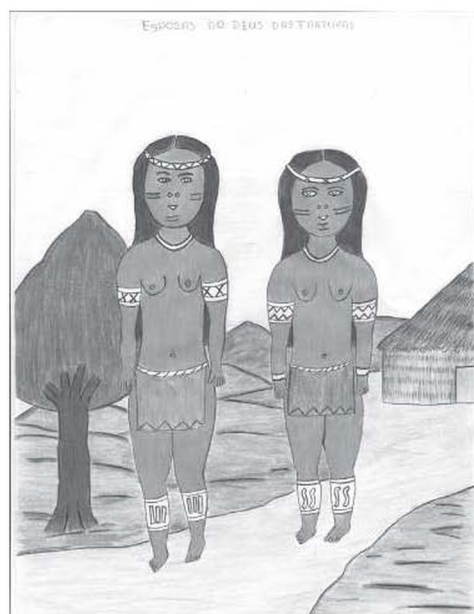
Ele morava ao norte, casou-se com uma mulher da origem dos macacos, tiveram dois filhos. O mais velho casou com a neta da lua, o mais novo continuou solteiro, era mais amado pelo seu pai. Assim ficou odiado pelo seu irmão. Como seu pai era deus, não faltava nada às comidas, as quais aparecia misteriosamente. Também o irmão novo sempre traía seu irmão mais velho e escondidamente, todo mundo sabia, menos ele. Um dia, flagrou os dois, matou seu irmão e escondeu o corpo.

Assim, depois da morte do seu filho, o deus das farturas amaldiçoou seu filho, abandonou a sua esposa e escondeu todos os alimentos. E saiu do norte à procura das novas e lindas mulheres para casar. Onde ele ficar, ia criar os alimentos.

Viajou, andou várias e várias comunidades (aldeias) e encontrou muitas mulheres de todos tamanhos, lindas e bonitas, mas não eram de sua preferência. As notícias se espalharam em todas as partes do mundo, todas mulheres queriam casar com o deus e aguardavam sua passagem.

Um dia ele chegou, no lugar bonito, cheio de belezas naturais, lá havia duas moças lindas, altas, de corpos perfeitos. Sua beleza encantou o deus, e assim ele ficou e casou com duas moças e criou vários tipos de alimentos e abençoou todos os alimentos. E distribuiu ao mundo inteiro. Depois de muitos tempos, ele perdoou seu filho primogênito e pediu desculpa à sua ex-esposa; dividiu seus bens. Em seguida, ele morreu juntamente com suas esposas, e assim eles foram petrificados. A montanha hoje é conhecida como "Bela Adormecida".

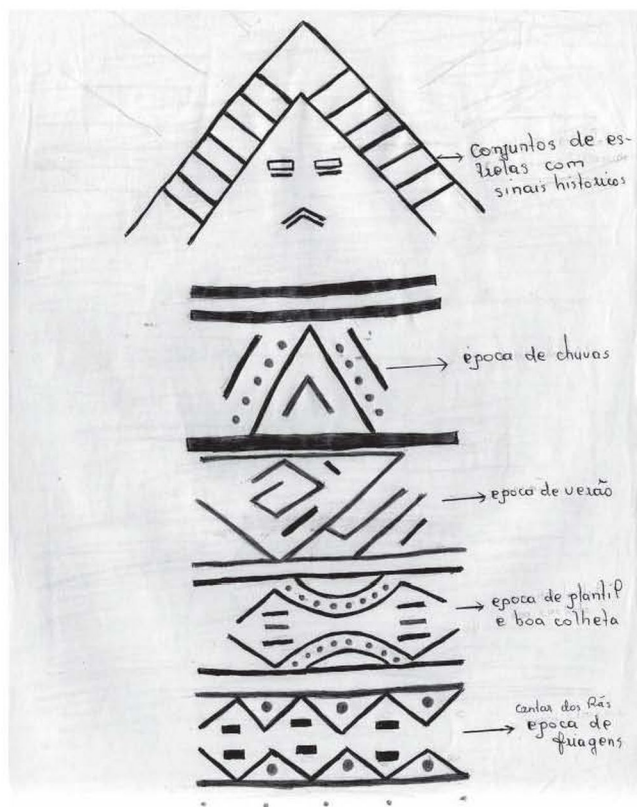
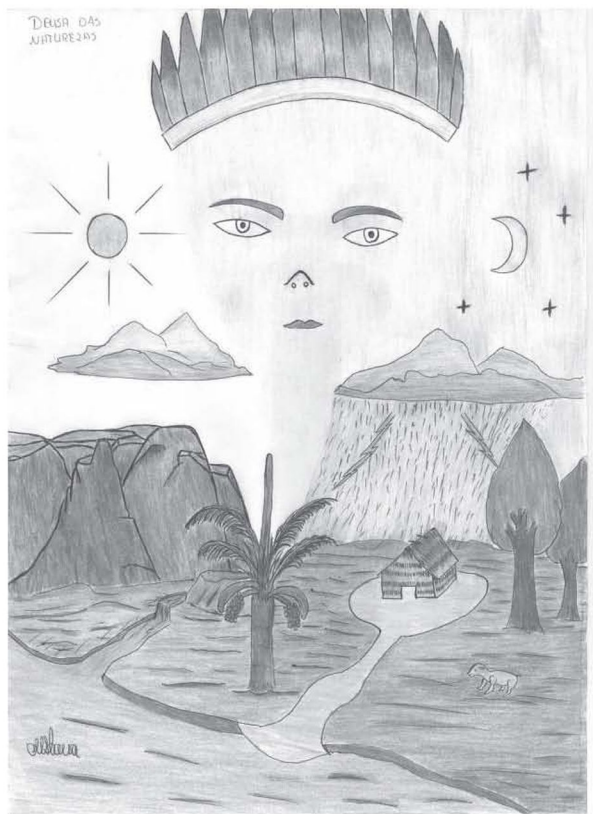
E assim surgiram os alimentos, a história é contada somente o básico.

3.6. Dessana: Bariboó – Mahrãposã-nomẽ
Português: esposa do deus da fartura

As duas lindas mulheres, filhas do "wariró" (inabu), habitavam próximo do rio Curicuiári. Elas eram mulheres perfeitas de corpos e lindas na aparência e delicadas. Assim, o deus das farturas gostou e ficou com as duas. E gerou a sua família, criou vários alimentos e também teve dois filhos. O filho da mulher primogênita chamava-se "Iami-yoariru" (Estrela verspertina), a segunda mulher teve filho cujo nome "Iami-Bohyórirú" (Estrela da manhã). Viveram juntos, morreram e foram petrificados. Hoje em dia eles são montanhas, chamada de serra de Curicuiári ou mais conhecida chamada "Bela Adormecida", fica no rio Negro, próximo do município de São Gabriel da Cachoeira – AM.

3.7. Dessana: Ümüci-Tahtiri
Português: Deus das estações do ano e deus da natureza

Os índios, segundo seus costumes, contavam as estações do ano por meio das estrelas e da lua, também sabiam quando se aproximava o inverno e o verão. Pela observação da natureza, os indígenas sabiam o período adequado para realizar o plantio nos diversos períodos do ano. Eles contavam as estrelas e para cada estrela davam-lhe o nome de um animal, o nome da primeira estrela, por exemplo, recebia o nome de onça (Yaý-poéró ou omepoero), a estrela da última cheia do período do inverno recebia o nome de raia ou jararaca (Ãnhã-poéró ou Poek3-piarinhé), era quando os índios começavam o período de derrubada dos roçados esperando o verão para iniciar o plantio. O primeiro verão era de abil, o segundo era o Igá e o último era um fruto silvestre (Yepu-kümã). Antes de começar o inverno eles já iniciavam as queimadas para futuro plantio, pois a partir do momento em que as rãs começam a cantar, elas liberam vários tipos de veneno que se espalham prejudicando o plantio, por isso os índios não plantam nesse período e sim antes. Para os brancos, esse período seria equivalente à Páscoa.

Nessa época, os índios se preparavam para as piracemas dos peixes chamados de aracus, conhecido pelos dessanas de omepoero, para os brancos conhecido como período da desova e o início da cheia, não era permitido nadar nos rios, lagos, principalmente nos lugares perigosos, para não ser devorado pelas cobras.

Também é o período das voadas das formigas, como tanajuras, saúvas, mariwuara, tucandeiras, cupins, entre outros animais. Os índios pegavam, torravam e guardavam para fazer a festa de oferendas para seus familiares e amigos (festa das farturas).

Ex.: uma criança nasce na época do verão, a partir desse período começa a contar a idade dela, no próximo verão, a criança completará um ano de vida.

3.8. Dessano: Goãmõ – Inikũmó
Português: deusa da natureza (Invisível)

A deusa da natureza é conhecida também como a mãe da selva, mãe da água, mãe encantada etc. Assim, ela existe em toda a parte, pronta para salvar ou castigar, e especialmente para proteger a natureza. Ela tem vários tipos de formas, como sereia, curupira, pássaro, árvore e cobra etc. Mas é uma só, elas são misteriosas como a natureza

A deusa da natureza faz castigos, individuais e coletivos. Individuais: quando as pessoas cometem algum delito destrutivo da natureza, ou dos animais. Assim o castigo não cai na pessoa que cometeu o delito, e sim para os filhos ou filhas. Se o delito for do homem, seu filho homem (criança masculina) que leva o castigo do pai; se o delito for da mulher, sua filha que leva o castigo, de várias formas, ex: se maltratou o animal,

cortou seus pés ou mãos, sovinou alguma coisa etc. etc., as crianças nascem defeituosas com sinais nos corpos etc.

Isso é castigo individual (Wahparó).

Castigos coletivos: são castigos quando acontecem para toda a humanidade, de todas as partes do mundo. Ex.: quando chega a época do verão, rios e lagos secam, vários tipos de peixes morres, tempestades destroem casas, com o tempo aparecem fomes e doenças. No inverno as águas enchem, cobrindo e inundando suas plantações e suas crianças etc., e as chuvas constantes, com trovoadas. Surgindo doenças de vários tipos, fome por todos os lados e mortes. Assim, são castigos das deusas da natureza. Porque elas ou eles são natureza, isso é mistério da natureza, não escolhe nem lugar, hora e dia.

É bom respeitar a natureza, viver em harmonia com ela.

3.9. Dessana: Wiõ-Wy
Português: casa dos paricás

Os poderosos e misteriosos paricás surgiram desde as origens do mundo, por isso contêm muitos e muitos mistérios, poderes e segredos. Era aberto somente para formar os pajés, sem isso são muito bem guardados.

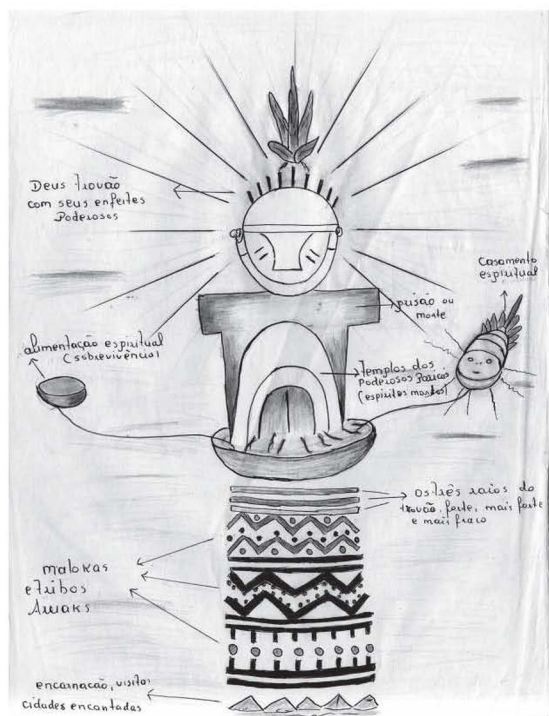
Materiais são "pó", celebrado do deus trovão, "tabaco" também do trovão: urucum, colares, era tudo do deus.

Assim, antigamente, os poderosos cacique e tuxauas cheiravam e jejuavam durante dez anos e depois tornavam-se pajés e formavam muitos pajés, guerreiros, assim dominavam e atacavam espiritualmente seus inimigos. O que dominava o corpo e seu espírito eram os paricás, e conseguiam enxergar o mundo de uma só vez, e dominavam o céu e a terra, todas as coisas obedeciam a eles. Usando isso, praticavam coisas boas e ruins, e devoravam seus inimigos.

Muitas das vezes, os pajés morriam se fossem atacados e capturados seus espíritos pelos seus inimigos pajés. Assim que eles morriam, os seus espíritos voltavam à casa dos paricás ou permaneciam em forma de animais nas cidades encantadas.

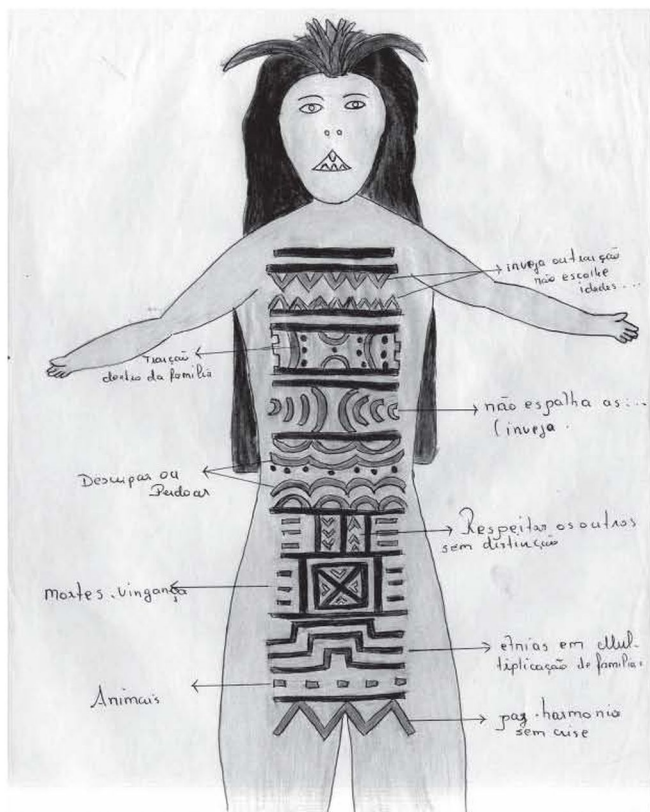
Cada etnia tinha seus paricás diferenciados, assim todas as etnias temiam e respeitavam os seus poderes e cada tribo sentia orgulhoso. Os poderes e sinais dos pajés não eram vistos em olhos nus como no céu: raio, trovões, tempestades, chuvas... na terra e na selva: onças encantadas, clones humanos... nos lagos e nos rios: cobras, mãe-d'água,

doenças de todos os tipos e ataques das onças reais. Era assim que os pajés poderosos faziam, usando os paricás.

Hoje em dia os paricás estão bem guardados.

3.10. Dessana: Goãmo – Ñegõ
Português: deusa das trevas (esposa do Trovão)

A deusa das trevas era uma mulher muito inteligente, de poderes malignos espirituais. Com ela surgiram vários tipos de usos malignos, materiais e espirituais, existentes até hoje, como: vingança, traição, armadilhas espirituais e especialmente inimizades e malefícios... Ela sempre castigava a quem realmente merecia o castigo e não castigava à toa.

Antigamente, o seu principal rival era o grande e poderoso deus Trovão, e ela também era a inimiga dele.

Assim, a mulher sempre foi conhecida como rainha do mal.

3.11. Dessana: Amoã – Goãmü
Português: deus guerreiro (rito de resistência)

Esse rito acontecia de anos em anos para meninos.

Os meninos, quando completavam 15 ou 16 anos, eram entregues para o cacique ou tuxaua. Eles davam instruções de danças, cantos, músicas e instrumentos, demais outras coisas, como: embelezar, cheirando "rapé", tomando banho bem cedo das 3 horas madrugada até as 5 horas da manhã, vomitando água e preparando para comer outras comidas do dia, faziam repetidamente.

Durante esse período, os meninos ficavam separados dos pais durante alguns meses. Nessa escola, eles comiam somente alimentos benzidos, todo mundo tinha de cumprir as ordens, manter e seguir os

ensinamentos. Os alimentos tinham de ser preparado, pelas meninas com até dez anos de idade, elas preparavam os alimentos escondidamente, e saíam antes da volta dos meninos. Assim, segundo a tradição dos índios, para meninos aprendizes evoluía rapidamente a sabedoria. Sempre no decorrer do dia eles cheiravam "rapé" e aprendiam como dançar as técnicas para os passos.

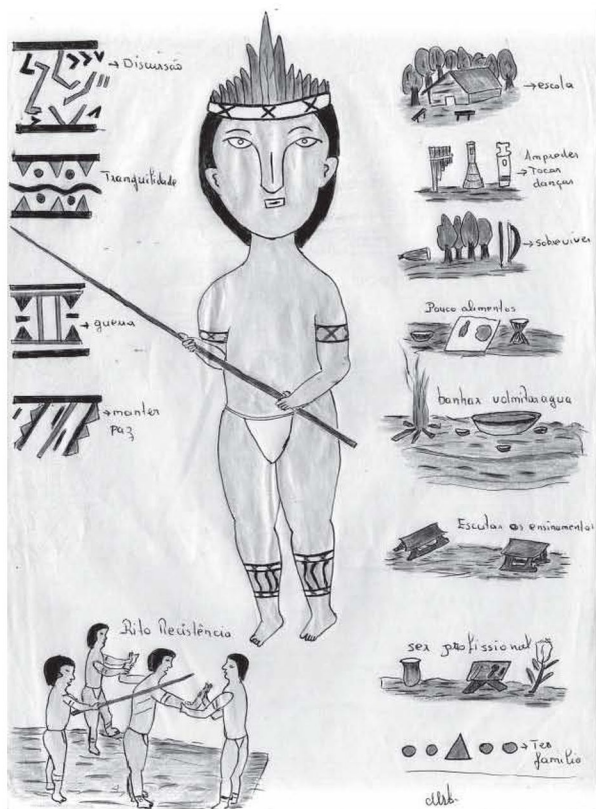
Assim que completarem seis meses de ensinamentos, os responsáveis mandavam preparar os "caxiris", bebida feita com frutas ou de batata, temperadas com caldo de cana, fica forte como cachaça.

Os meninos juntavam bastante frutas silvestres, para oferecer à comunidade. Durante esse período, eles tocavam paralelamente os instrumentos musicais sagrados (isso durava um ou dois dias). Na madrugada do dia da festa do "dabukuri", às 3h da madrugada, eles tocavam seus instrumentos sagrados (jurupari), enquanto isso alguns tomavam banho, vomitavam (limpar estômago) e bebiam caxiri e fumavam cigarro da paz, e depois voltavam para a escola, preparavam para festa das farturas e em seguida iam para maloca, para apresentar seus familiares, depois de seis meses. Durante esse apresentação, eles usavam os balaios nos rostos (tampados) no centro da moloca e eles tiravam e mostravam seus lindos rostos para a comunidade, recebiam aplausos e em seguida eles bebiam caxiri e fumavam cigarro da paz, preparado especialmente para eles. Depois saíam da maloca, indo para direção da escola, para iniciar a festa da fartura (dabukuri). Durante a festa do "dabukiri", antigamente, sempre era tocado o jurupari. Por isso, quem participava da primeira parte era somente homens de certa idade, nem criança masculina participava. Todas as frutas eram transportadas com música do jurupari, fazendo vários pontos de danças, paradas, conversas que duravam quatro ou oito horas de apresentação. Assim que eles acabarem de guardar ou esconder o jurupari, começava a segunda parte da festa, na qual as mulheres participavam junto com homens, isso ia até amanhecer.

Quando for de manhã, o cacique ou tuxaua anunciava o início da cerimônia do "Rito da Resistência". Todos aqueles meninos aprendizes tinham por obrigação de passar por ele. O rapaz mais forte escolhido pelos pais dos meninos, era ele quem chicoteava os rapazes, com vara de pescar (caniço) por três vezes nas costas, fazendo até sair sangue. Quem aguentar, não chorar ou não gritar, era consagrado, tornando-se índio guerreiro, pronto para ser benzedor, curandeiro, ou até pajé, e

também já casava com sua prima legítima, não da mesma etnia, e sim de outra tribo.

Depois de passar todos os rapazes, até os velhos entravam no rito, nenhum sexo masculino escapava, às vezes até as mulheres entravam também. Em seguida, a festa continuava e somente assim que terminava a bebida, acabava a festa. Após aquele período, os rapazes eram respeitados e chamados índios guerreiros.

Isso chamava-se Rito de Resistência (Deus Guerreiro).

3.12. Dessana: Bahsurimó
Português: prima

Antigamente, sempre casavam com sua prima legítima, assim eram mantidos os segredos, mistérios e sabedorias entre as famílias. Os

homens casavam entre as idades de 15 a 16 anos e as mulheres entre 14 a 15 anos. O rapaz, passando do "Rito de Resistência", já era considerado "homem", e a menina, passando da "Cerimônia da Moça Nova", era considerada mulher, pronta para casar e formar sua família.

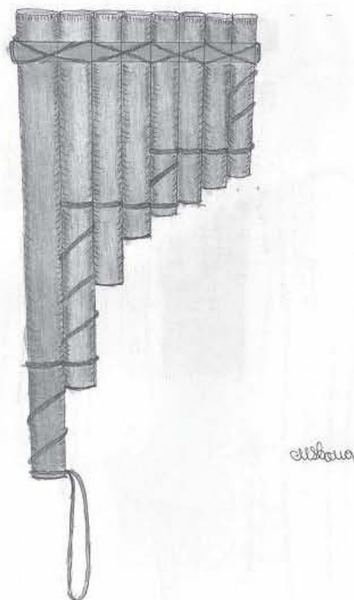
E era proibido casar com alguém da mesma tribo, para não quebrar as regras de tratamentos pessoais.

Por isso, sempre casavam com outra tribo (etnias) e assim eram respeitados de igual para igual.

Assim, os homens e as mulheres de várias etnias são chamados de primos ou primas.

Hoje em dia, várias regras foram quebradas: já se casam com as mulheres da mesma etnia, namoram e escolhem com quem vai casar...

4. Instrumentos de música

4.1. Dessana: Tarussú-Pá
Português: cariçu ou arpas (gaita)

Surgiram desde a originalidade das humanidades indígenas, o cariçu são conhecidos como os dedos da mão do Jurupari (deus das músicas).

As músicas tocadas e dançadas pelos homens índios, e as mulheres, por sua vez, escolhiam com quem vai dançar.

Há vários tipos de danças, pois cada etnia possui sua forma de tocar e dançar, são totalmente diferentes. O que estou relatando aqui são minha etnia dessana (Umuhkohmahsã).

As músicas têm suas canções, mas são tocadas no som da flauta (gaita) mais conhecidas:

- Rindo, rindo não teve primas
- Usei vestido colombiano
- Borboletas

- Soltar mulheres
- Andei carregando paneiro de farinha na cachoeira Jurupari
- Ofertar Quinhapira
- Caxiri de engá
- Indo embora roubei qualquer mulher
- Mesmo sendo sovinado transei
- Dividir abacaxi etc. etc.

O cariçu é da família de bambus, e é encontrado nas floresta amazônica. Esses instrumentos até nos dias atuais são tocados e dançados em várias comunidades do interior, são danças mais bonitas, existentes entre outras danças. Funciona assim: um "mestre" puxa o som, um responde e os demais acompanham.

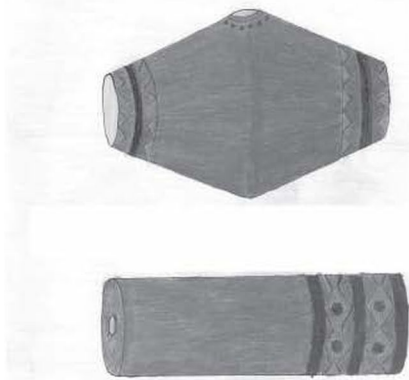
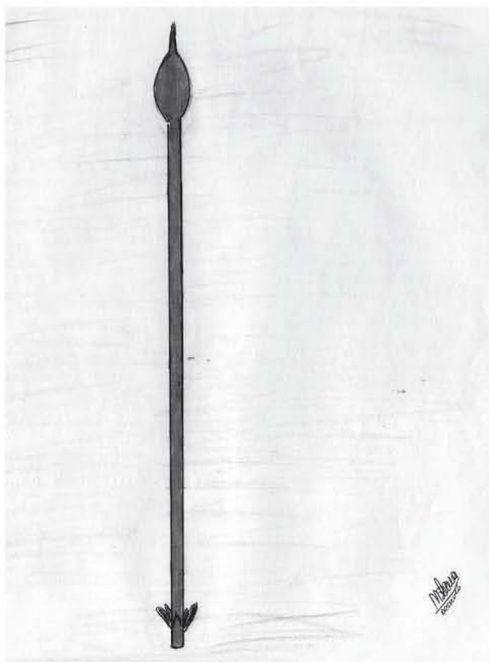
Dança de cariçus: Danças dos Umukohmasã.

4.2. DessanO: Uhpi – soro
Português: buzina

Há dois tipos de buzinas: buzina de bambu e buzina de barro (tuiuca).

As buzinas eram tocadas pelos índios somente nas festas das farturas de "peixes e carnes". Aqueles que levam as oferendas e tocam os instrumentos musicais, inclusive as buzinas.

A comunidade que recebia as oferendas preparava as bebidas fermentadas "caxiri". Em demais outras festas das farturas, não tocavam as buzinas, tocavam somente as músicas sagradas e não sagradas (mawako).

A buzina era também usada como meio de comunicação, e era anunciação da festa das farturas dos peixes e carne.

4.3. Dessano: Yaygu
Português: bastão cerimonial

O chefe de cada tribo (cacique) ou primogênito de cada classe ou dono de cada maloca, usava ou tinha seus próprio bastões, isso quer dizer que cada um tinha a própria originalidade. O bastão cerimonial era usado para se comunicar ou recepcionar as pessoas mais importantes de cada maloca, assim as comunidades entendiam que essa pessoa era o cacique da tribo vizinha.

O bastão cerimonial é feito de pau-brasil, bastante flexível, de 2 a 3 metros de comprimento, fino e roliço, possui uma cavidade oca em uma das extremidades com pequenas sementes dentro da cavidade para emitir o som, possui também penas para enfeite. As sementes são popularmente conhecidas como lágrimas-de-nossa-senhora (dependendo da região, pode variar o nome), na outra extremidade possui penas de araras e garças, e não contém emendas.

O bastão cerimonial significa a hierarquia mais alta das festividades, que deve ser obedecida para manter a ordem da casa.

Com esse bastão os primeiros criadores do universo e da terra faziam milagres, e também com esse bastão defendiam seus tribos.

O bastão cerimonial era tocado no início das festas durante as festas e no final das festas.

Antigamente esse bastão era símbolo de poderes dos milagres, ou das defesas e salvamentos.

Significa: bastão dos poderes milenares.

4.4. Desano: Mawaco
Português: instrumento musical não sagrado para Festa da Fartura

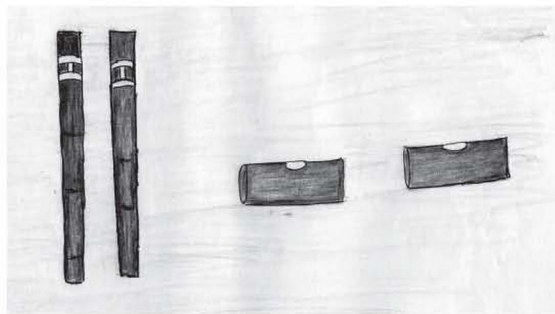
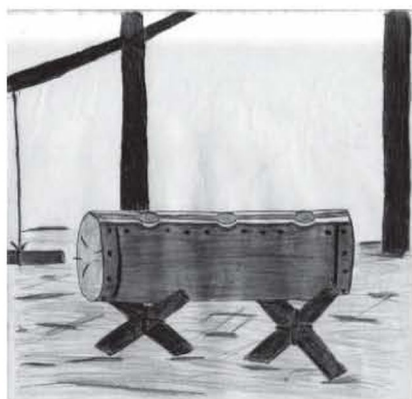
Os mawacos surgiram juntos com outros instrumentos musicais e são tocados para todas as festas das farturas, menos dos peixes e da carne.

São dois instrumentos: um comprido e outro menor, o instrumento maior representa a feminina, e o curto representa masculino. São, porém, tocados por homens, e as damas (mulheres) escolhem seu par.

Os mawacos são feito de uma árvore chamada embaubeira das folhas verde e compridas, encontrada nas capoeiras, pequenos e finos, roliço e oco, cortam e fazem um buraco, contendo duas folhas de palha brancas e amarradas, a espessura do mawaco para regular o som do instrumento do sopro, e é pintado de vermelho e preto, o desenho a gosto do homem.

Esse instrumento não é instrumento sagrado, por isso toda comunidade participava, inclusive as mulheres, assim a festa ficava mais animada, chamada "Dahbukuri" ou Festa das Farturas.

Mais chamada de festa Dahbukuri simples e mais vista e dançada nos interiores da comunidade. É mais fácil de tocar e dançar.

Festas das frutas silvestres, "Oferenda".

4.5. Dessano: Toahtoré
Português: tambor simples e original

Há dois tipos de tambores: o simples (móvel) e o original (fixo).

O tambor simples é feito de tora de madeira de pau-amarelo ou do pau-rosa, no mínimo de 30 cm de comprimento, é cavado e oco, assim é colocado em cada extremidade couros principalmente de cutia e veado, presa transversalmente ao tambor por um fio de tucum, trançado e forte, e é levado por qualquer pessoa, e tocado também por qualquer pessoa, por todas as festas.

O tambor (trocano) original e feito da tora de madeira de pau-amarelo, ou pau-rosa ou abiurana de até 1,50 m de comprimento com até 80 cm de diâmetro de largura. Esse tambor não possui extremidade aberta, pois é feito de uma tora grande e forte, cavavam e queimavam a tora por dentro, deixando-a oca, contém três buracos, onde emitem o som e depois é colocado no centro da maloca, em cima de quatro troncos fortes e duas travessas fixas, por cima era colocado o tambor na altura de 1 m. O tambor era tocado com uma baqueta, contendo em uma extremidade uma goma de látex para não machucar o tambor e assim emitir o som.

O tambor original é fixo conhecido como trocano, e chamado coração da maloca, e era um meio de comunicação aos deuses da natureza e do céu, e era tocado por cacique ou tuxaua. O tambor era tocado três vezes por dia.

No princípio, o som do tambor era para reunir os espíritos guerreiros.

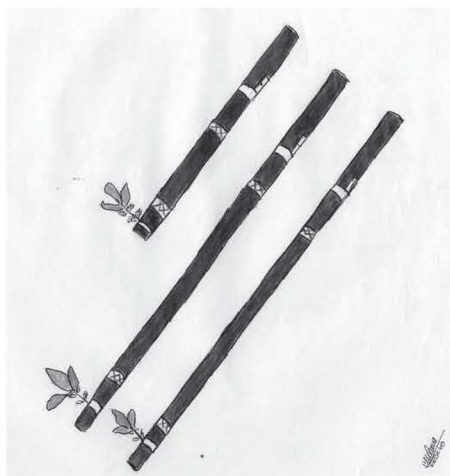
O som soava bem longe e longo, chamado som da natureza. Ouvindo esse som antigamente, os espíritos dos pajés guerreiros voltavam a reencarnar no corpo da pessoa, e a pessoa voltava a falar e conversar.

Isso fazia ou acontecia com força dos paricás.

4.6. Dessano: Iapurutú
Português: instrumento musical de início das festas

O instrumento musical Japurutus também surgiu desde a origem dos índios. Era conhecido como osso de Jurupari. Os índios tocavam esse instrumento no início das festas da fartura, que é conhecida como abertura dessas festas (dabukuri).

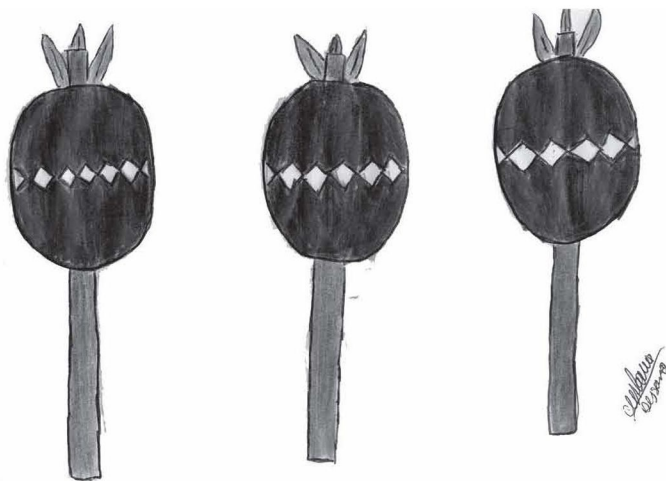
É feito de paxiúba, de 2 m de comprimento e 5 cm de diâmetro, é aberto nas duas extremidades, próximo de uma das extremidades possui um buraco, juntamente com folha de palha branca para regular o som, amarrado ao buraco com fio de tucum. É semelhante ao mawaco grande.

Geralmente esse instrumento musical é tocado por todas as etnias, mas especialmente é tocado por dois ou três homens e duas damas com objetivo de anunciar as festas. Muitas vezes era tocado por grupo que estava oferecendo as frutas e é tocado durante todas as festas das farturas (dahbukuri).

4.7. Dessano: Ñaçã-gá
Português: marácas

Maracás são feitos de planta cuia, é um material duro e resistente e carrega sementes no interior delas. Para usar são tiradas todas as sementes, e fica oca dentro dela. São feitos dois furos em lados paralelos e opostos, inserem-se sementes ou pedrinhas, para emitir o som, é inserido também nesses dois pontos uma pequena vara de pau-brasil, fixada na planta cuia, deixando uma parte longa, para segurar durante a dança, na festa elas são chacoalhadas fazendo o som, é instrumento manual. Usado especialmente nas danças das naturezas (insetos) e frutos silvestres.

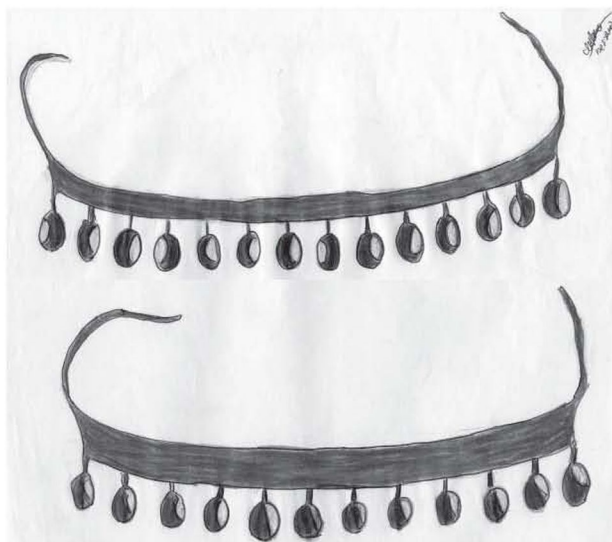
E também era usado em cerimônia de curas, para expulsar maus espíritos, era de uso pessoal (individual) dos curandeiros e feiticeiros.

A dança com as maracás são danças comemorativas da fertilidade e da harmonia com a natureza.

Significa: Paz nas tribos e nas famílias.

4.8. Dessano: Kihrió
Português: chocalhos

É usado durante as festividades indígenas que acompanham a todas as danças. Coloca-se somente um chocalho na perna direita amarrado para fazer barulho, todos juntos formando um só eco.

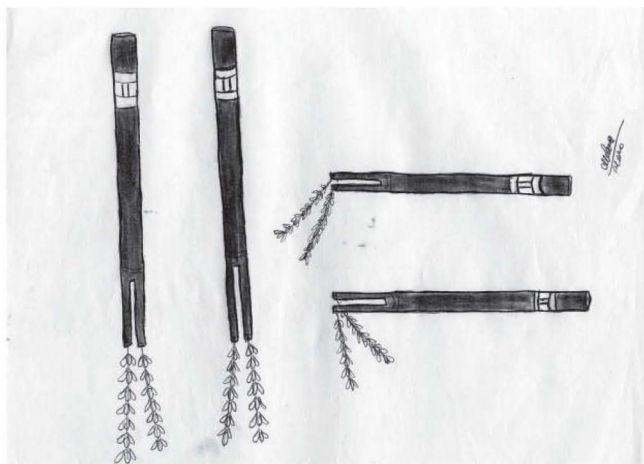
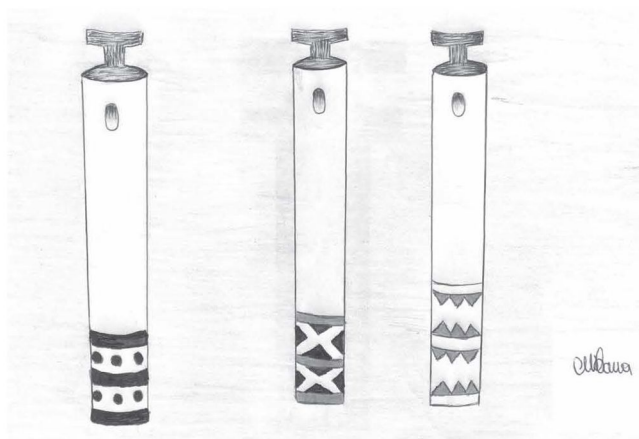
É feito com dois tipos de sementes de frutas silvestres, um chamado em dessano de buih-khitió (do mato, som grave e abafado), e o segundo de kihitió (plantadas, produzem um som leve e bom). Na hora da confecção do chocalho, os índios não misturam ambos os tipos de semente, ou confeccionam com um ou com outro tipo de semente. São unidas por fios de tucum, tecidas e presas na perna direita.

Acompanhava a batida dos pés, durante quase todas as danças.

4.9. Dessano: Buy-Bahyári
Português: danças cutias

A dança dos cutias era uma dança folclórica, dançando após as festas das farturas de "carne". Ouvindo o canto, os seres animais silvestres ou das cidades encantados tornando-se passivos com índios. Assim a dança das cutias fala sobre os animais, seus aspectos e seus poderes.

Os instrumentos são feitos de paxiubinha, pintado e enfeitado de plumagens de penas brancas nas pontas, é instrumento de sopro, e é oco por dentro, por fora tem um buraco, onde amarradas duas folhas de palhas, onde regulamenta o som.

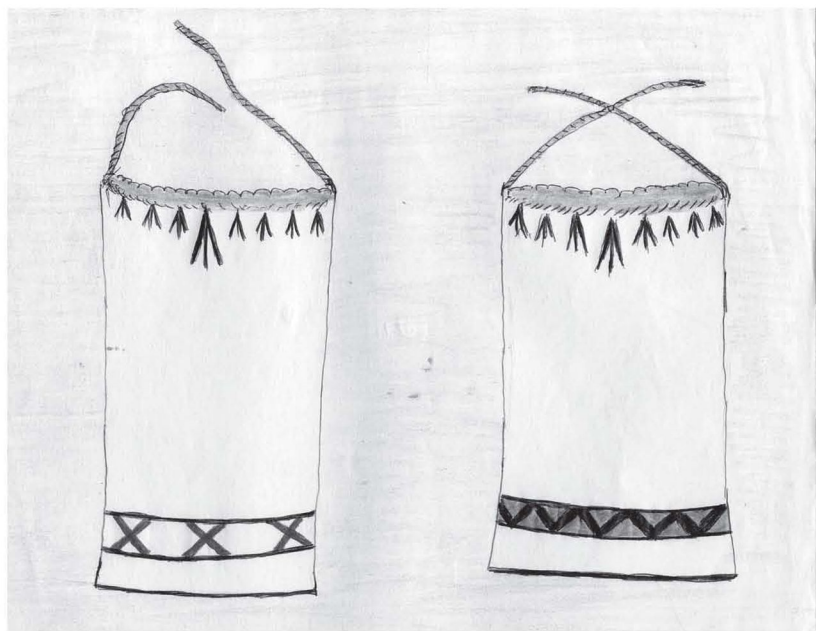
O som é igual como o grito dos animais.

Era um meio de harmonia com os animais silvestres, com índios. Significa: Paz com a natureza.

4.10. Dessano: Ãhũbú
Português: cuinãs ou bastão do som

As cuinãs são instrumentos mais usados nas festas folclóricas e também nas comemorações das festas das conquistas, e nas cerimônias especiais. A dança chama-se kapiwaia, dança da natureza (árvore) e dança das frutas silvestres (inanjá). Durante essa dança eles usavam as cuinãs batendo no chão, e emitem som.

Esse instrumento é feito de uma árvore tipo monrongó, furado e queimado por dentro, e é bem branco e pintado de preto e vermelho.

Também surgiram há muito e muito tempo, desde as origens.

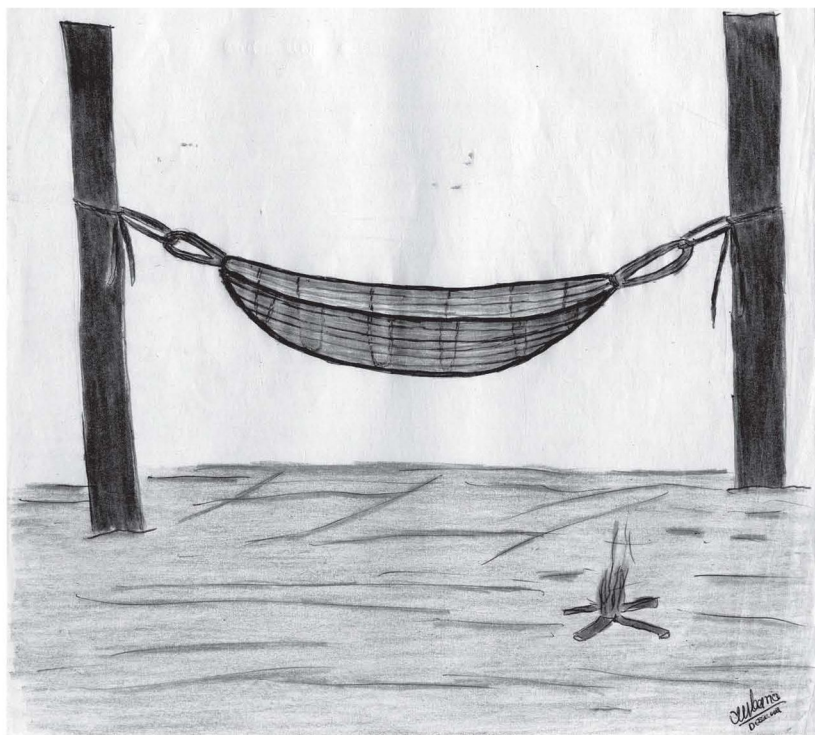
5. Vestimentas de Uso Pessoal

5.1. Dessano: Wahsóri-Suri
Português: tururi

É uma vestimenta usada pelos homens, durante as danças dos capawaia (danças da natureza), é amarrado na cintura, ficando na frente das coxas, pintado de preto e vermelho, com vários desenhos. Com esses mesmos materiais as mulheres confeccionavam suas saias.

É extraído de uma árvore chamada tururi, é raspado da casca, em seguida é batida para soltar da árvore, continuam batendo, batendo, até que ela fique fina, depois cozinha, e levam, ponha no sol, para ficar bem branco, e ter muito cuidado com leite dela: onde batem, cria coceiras, e as mãos ficam totalmente ardidas e a pele fica afinada (come a pele da mão).

Essa árvore é encontrada nas terras baixas, na beira dos rios e dos igarapés, é uma árvore de estatura média, alta.

Serve para fazer vários serviços de artesanatos.

5.2. Dessano: Gáhkí- Pũ
Português: rede original

A rede original surgiu desde a origem indígena, era usada especialmente para dormir e para descansar. Era feita com material de tala de buriti (olho ou guia), são tirados cuidadosamente e depois de tirar o fiapo, são lavados e secados, e em seguida desfiados.

Para fabricar uma rede precisa tirar vários talos de buriti, e depois fabricar (fazer) rede, de tamanho ideal, e ela dura mais que a rede de algodão, cada linha são tecidas e com acabamento nas pontas da rede um pedaço de tururi.

Assim era feita a rede original, o uso oficial para deitar e dormir.

5.3. Dessano: Wahsókuriñe
Português: cueio

Muitos tempos atrás não existiam roupas tanto para homens quanto para mulheres. Assim, os índios masculinos usavam cueios e era uso pessoal deles. Assim, meus ancestrais não eram completamente nus, e as mulheres usavam tangas, de miçangas ou cascas macias de tururis.

O cueio dela é feita de tururi da mesma árvore da família tururis.

Há dois tipos e árvores, são: tururis ou amapá. A casca macia é do amapá, esse tem cor marrom, o tururis é branco e duro. E o homem simplesmente amarra uma corda (fio de tucum) na cintura e nela prende o pedaço de tuturi, não precisava amarrar, e escondia as partes íntimas.

Usando os cueios (tanga) os homens índios vistos de longe pareciam nus, vendo de perto, não.

Cueio é conhecido como antiga cueca indígena.

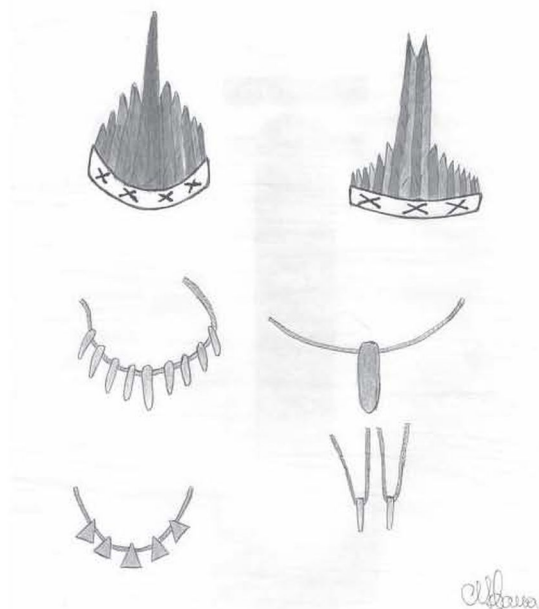
5.4. Dessano: Bahyá – Buyá
Português: cocar e enfeite

No princípio os primeiros seres indígenas surgiram por meio das cores ou enfeites. Os enfeites eram seres minúsculos vivos. O deus bisneto do mundo veio cuidando dos enfeites vivos, saindo do lago do Leite, fazendo festa nas cidades encantadas (porque ele viajava debaixo da água, em forma de cobra). Em cada festa que eles faziam, os enfeites iam se transformando em humanos, até chegar ao seu destino, onde surgiram as humanidades indígenas. No dia de hoje, o lugar onde aconteceu isso se chama Cachoeira de Ipanoré, no rio Waupés, afluente do rio Negro. Nesse lugar sabemos que existem várias coisas sagradas, em formato de pedra.

Aqui neste livro eu conto somente o básico, as histórias são longas.

Os enfeites ou os cocares, hoje em dia, são feitos de pena de araras-vermelhas e azuis, ou de garça, e também com dente de onças, macacos, pele de animais silvestres... Os originais eram benzidos e sagrados.

Os cocares eram usados somente no dia das festas folclóricas e eram muito bem guardados em uma urna benzida.

Cocares e enfeites eram a beleza dos índios.

6. Armadilhas de pescas

6.1. Dessano: Tuhri
Português: matapi ou giqui

O matapi foi criado e inventado pelo deus Goamu, durante a perseguição da cobra chamada "Traíra" na cabeceira do rio Waupês, até chegar à cachoeira do município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, onde matou a cobra querendo salvar seu filho, infelizmente a criança já tinha morrido e para não desaparecer a sua descendência, deus descascou as escamas e jogou para baixo do rio Negro, esses se transformaram nos peixes grandes com escamas grossas, chamado hoje em dia de pirarucu.

As escamas pequenas da calda, deus jogou para cima, para as cabeceiras, e essas se transformaram em peixes pequenos chamados traíras. Essa história é boa e longa.

Matapi é feita de paxiubinha, de inajás, especialmente de marajás, é tecida com cipó-titica ou com ambé, é feita no formato de uma corneta, colocado contra correnteza das águas nos igarapés e igapós.

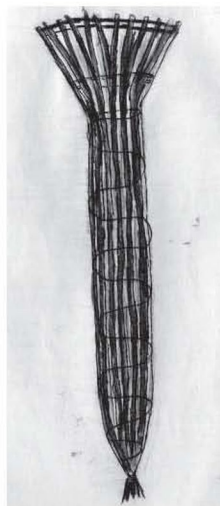
O peixe, por sua vez, vem baixando a favor da água, de repente, com a força da água, o peixe adentra o matapi e fica preso, o peixe não dá ré.

É um meio muito usado, especialmente nas enchentes.

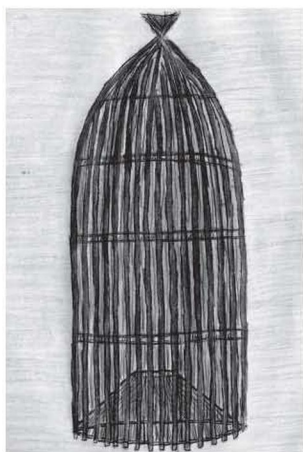
Antigamente, os poderosos pajés ou benzedores encarnavam espíritos no matapi e devoravam os seus inimigos e rivais, que tentavam fugir indo pelo rio.

Isso era usado durante as guerras tribais.

6.2. Dessano: Arúbu
Português: Kóvo

O kóvo foi inventado pelos Diroas (meninos deuses do universo) para pegar peixinhos dos igarapés, chamamos: munsu, taumatás, camarões, caranguejos etc. E assim pegaram bastante peixinhos e pediram a avó deles para trocar alimentos com as esposas das onças. Essa história é longa e bonita.

Foi assim que surgiu o kóvo. É feito de paxiubinha, tecido com cipó-titica, deixando uma parte aberta e outra extremidade fechada. É colocado em favor da água, acompanhada de uma cerca, onde era amarrado o kóvo; o peixe, por sua vez, vai subindo e é barrado na cerca, não tendo por onde passar, entrar no kóvo e fica preso; pega-se bastantes peixes.

É usado pelo morador da cachoeira, nos igarapés e remanso de estirões.

Cada armadilha tem suas histórias originárias e seu criador.

6.3. Dessano: Arupu-Péruri-Useritiribú Português: Kôvo de duas bocas

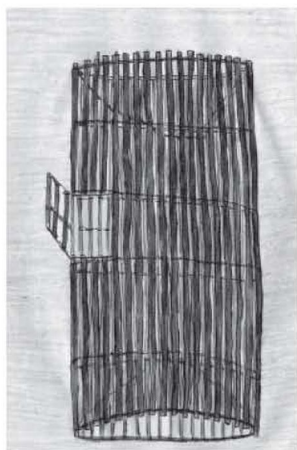
Foi criado pelo pajé chamado em Dessano "Buhpú" (significa pajé aranha), para matar seu neto Waí-Déiú (Rainha). Como ele era poderoso, escapou e foi perseguido pelo aranha. Onde ele passou deixou várias armadilhas, hoje são todas pedras e cachoeiras. História antiga e boa.

O kôvo tem duas bocas e uma portinha no meio, onde se colocava as iscas e também se retira os peixes. O kôvo de duas bocas era um meio de conservar os peixes vivos, fechando as covas e a porta, tornava-se um viveiro. É usado especialmente nas águas paradas (lagoas), amarrada com uma corda e jogada para o fundo dos lagos.

Os peixes são atraídos com iscas (carne), para alimentar-se vão entrando, mas não acertam as saídas e ficam presos.

Os materiais usados são: paixubinhas de trançados com cipós, titica ou ambé.

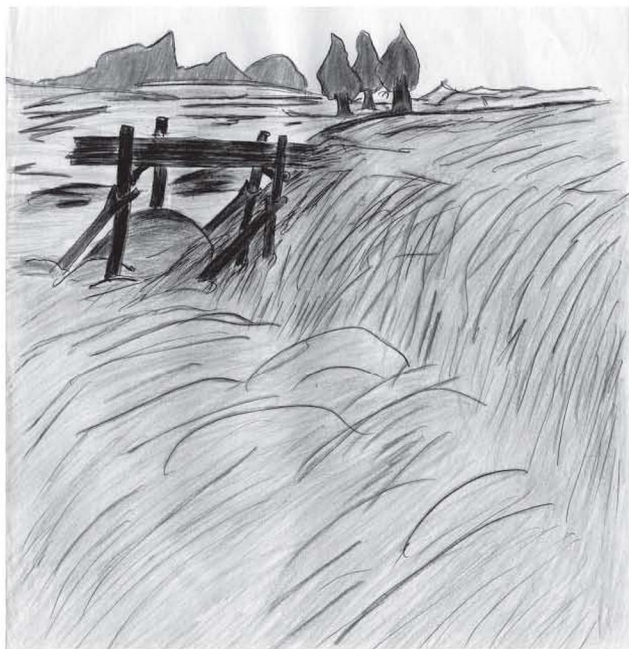
Assim os moradores das proximidades dos lagos usam para pescar.

Esse kôvo de duas bocas tem muitas histórias boas e perigosas.

6.4. Dessano: Wairu
Português: Kakuri

Surgiu desde a origem das comunidades indígenas. É muito usado pelos moradores das beiras dos rios, igarapés, remansos dos estirões e das cachoeiras. Pega todos os tipos de peixes, de todos os tamanhos, aqueles que vão subindo, para tirar os peixes, usam zagaia, pulsar médio, primeiro pega somente os peixes grandes com zagaia, em seguida mergulha dentro do kakuri usando pulsar e pega-se todos os peixes.

É feita com ripinhas de paxiúbas e tecida com cipó-titica, fica aberta de um lado, começando da terra firme, a outra parede na direção do meio do rio. Assim os peixes subindo, vão na direção da porta do kakuri, entram e ficam sem saber como sair. E também são utilizados vários pedaços de varas de escora.

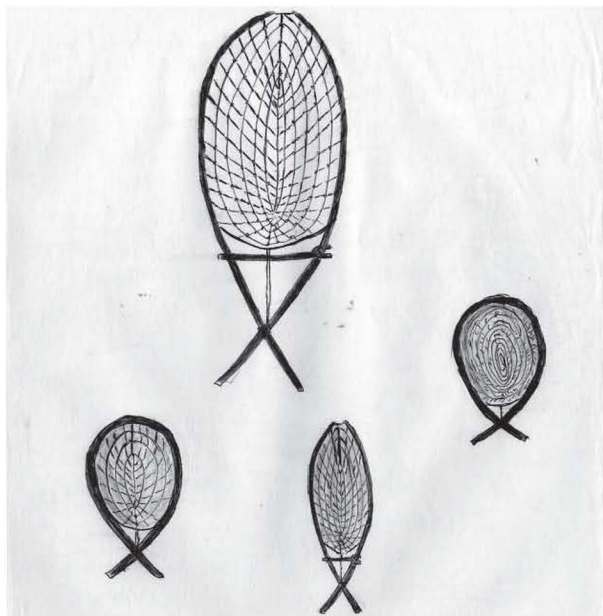
É muito, muito usado nos dias de hoje.

6.5. **Dessano: Éwáá**
Português: kaia

Foi inventado pelos filhos do sol (ou lua). Depois foi imitado pelos índios. Esse é um meio de pegar os peixes, era usado pelo morador da cachoeira. É colocada na queda da cachoeira, os peixes vêm baixando a favor da água, querendo passar da cachoeira, são capturados, ficando presos na armadilha e a água passa direto.

É confeccionada com ripa de paxiubão, tecido com cipó-titica, amarrado com toras de paus roliços, presas e escoradas nas pedras, é preparada e armada durante o verão, quando o rio estiver seco.

É usado somente no início da cheia. Na época das piracemas, o kaia fica rapidamente cheio de peixes de todos os tamanhos.

Assim é usado o kaia.

6.6. Dessano: Wêrigu
Português: púlsas ou rapixés

Foram inventados por vários deuses, como: Avó dos Diroas, o filho do Deus da Humanidade etc. Antigamente, era muito usado por pescadores indígenas, especialmente durante o tinguigiamentos dos peixes.

São quatro tipos de pulsás: grande, média, semirredondo e fino, assim pegava todos os tipos de peixes.

Os pulsás são confeccionados com fibra de tucum branco ou tucum das folhas verdes. E cada pessoa fabricava o pulsá de tamanho do seu gosto.

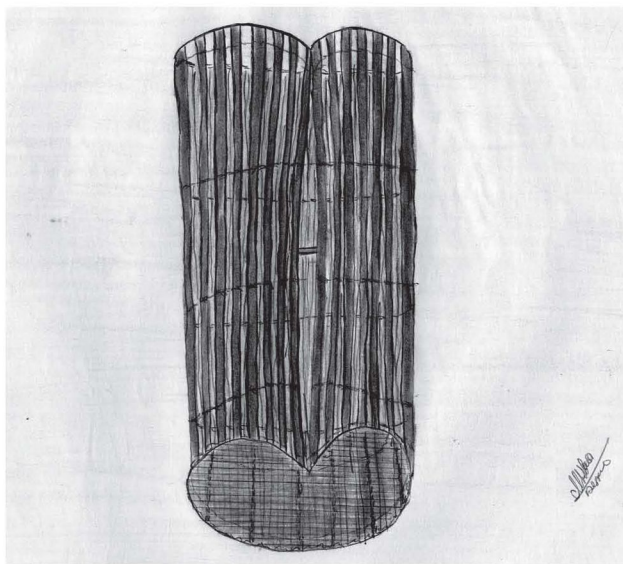
Era usado igual como malhadeira.

Também os pulsás têm muitas histórias.

6.7. Dessano: Emíílõ
Português: Kakuri pequeno e móvel

Surgiu também no princípio da Humanidade. É confeccionada com talos de inajás ou paxiubinhas, tem fundo fechado com talos ou telas de cipós-titica. Ela é móvel, pode ser levada de um lugar para outro, por dentro são colocadas as iscas para atrair as piabas e piabinhas. Deixa-se a porta aberta, amarra no tronco ou na árvore.

Os peixinhos vão entrando e não conseguem sair, ficando presos. É muito usada durante as cheias, nos igapós. Há muita facilidade de levar para outros lugares, onde se encontram os cardumes.

É um meio de pegar as piabas e piabinhas.

6.8. Dessano: Êhmiíká
Português: pari (cerca)

Foi criada pelo avô do mundo, em dessano chamado de "Buhpú", que em português significa Avô (aranha guerreira). É usado para prender ou fechar a passagem dos peixes, nos lagos, nos rios ou lugares

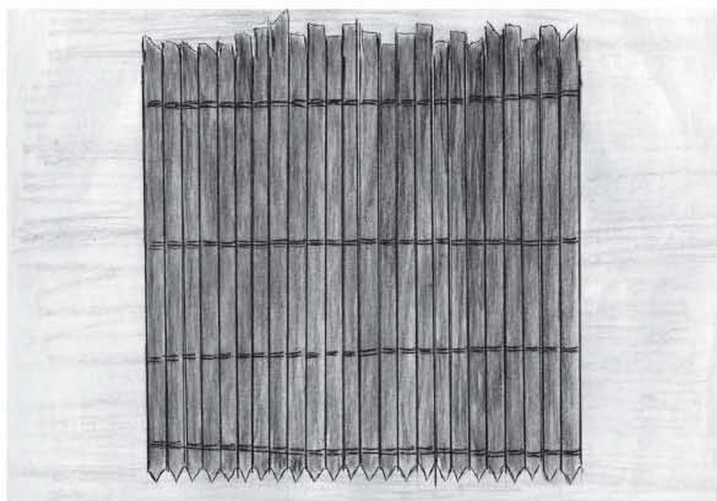
preparados pelos pescadores indígenas. Prendiam os peixes, assim que eles dormiam (noite).

Durante o verão, eles tinguigiavam com veneno chamado timbó, nas lagoas jogavam o veneno, assim acabavam com o oxigênio da água e os peixes morriam, os índios os pegavam usando os pulsás.

São feitos de paxiubinha, inajás, de talo de bacabas e marajás, são tecidos com cipó-titica. Há dois tipos de paris: as finas para os peixes pequenos e piabinhas, e as médias e grandes para os peixes médios e grandes.

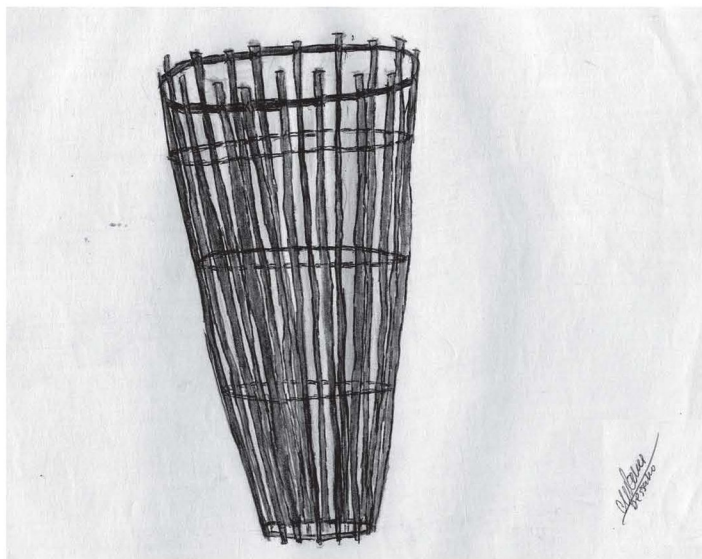
São vários tipos de usos de pari, por isso ele é multiuso.

Era muito usado durante as rezas espirituais e proteção das pessoas, isso acontece espiritualmente, quem utilizava essa cerimônia era o benzedor.

Assim são usados os paris.

6.9. Dessano: Tuhri-Ahbé
Português: matapi de sol

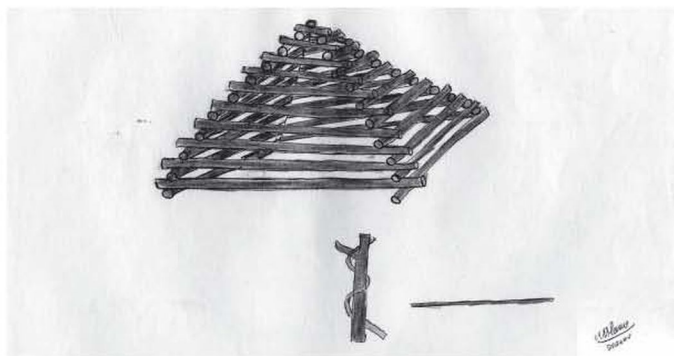
Surgiu durante a época de guerras rivais dos deuses, no princípio dos tempos. Hoje em dia são pedras (petrificados). É confeccionado com materiais de paxiubinhas e trançadas com cipó-titica, tem formato de cone, no meio (centro) é amarrada uma cordinha e gatilho, onde é

amarrada a isca. A outra cordinha é amarrada na vara flexível. E a vara forte é fincada na água com uma corda de cipó-titica, onde é presa a cesta dentro da água. O peixe dentro da cesta, entra, comendo, puxa a isca, libera a cesta e é suspensa para fora, dentro do cesto.

Esse tipo de armadilha é 100% melhor, não se perde nenhum peixe. Isso é conhecido como "Antigo Anzol Indígena".

7. Armadilhas de Caças

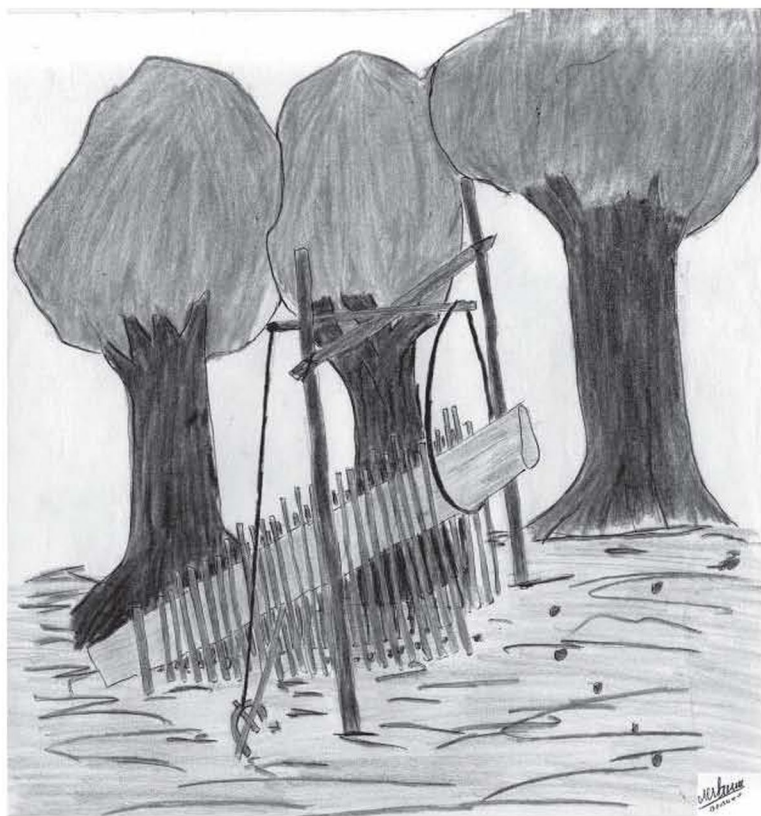
7.1. Dessano: Pahmoãpihrine
Português: Arapuca

A arapuca é uma invenção do índio caçador para poder pegar animais silvestres, como: cutias, tatu, inanbu, entre outros. É confeccionado com varas unidas amarradas com cipó-titica, em forma de pirâmide. Para utilizá-la, o caçador indígena a suspende em média 50 ou 60 cm de altura e arma colocando a isca abaixo da armadilha. O animal, por sua vez, vendo os alimentos, entra para comer, porém os alimentos seguram uma pequena vara (gatilho), assim que o animal tocar nas frutas, a vara solta, deixando caripá arapuca e o animal fica preso.

Esse tipo de armadilha é muito usado, até nos dias de hoje por vários caçadores.

7.2. Dessano: Tõõhriñe
Português: mundé (tronco amassador)

Foi inventado pelos índios para caçar animais silvestres de grande, médio e pequeno portes. O tronco possui cerca de 2 metros de comprimento e é bastante pesado, ele é levantado e armado apenas por um dos lados, cercado de varas finas pelos dois lados, bem quase da metade fica uma trave de vara fina, chamada gatilho, a qual segura todo o peso do tronco. O animal é atraído pelas frutas, colocadas depois da trave. O animal, por sua vez, vendo o alimento, entra para comer e antes de chegar nas frutas, toca (mexe) na trave, deixando soltar a vara e cair

o tronco por cima dele, a qual o prende com o peso e não consegue mais se mover.

Esse tipo de armadilha é 100%, não perde.

7.3. Dessana: Gáhki-Mirimahrã-Nerine Português: esparrela

Foi inventado também pelos índios caçadores, para pegar os pássaros e os macacos silvestres. Era armado nas copas das árvores, onde andam macacos e os pássaros, que todo dia se alimentam das frutas.

O pássaro e o macaco, quando viam as frutas colocadas, pousavam na esparrela e eram laçados. O material: vara flexível, com uma corda de tucum, bastante resistente, colocado por cima da forquilha ao redor

das frutas e um gatilho amarrado na forquilha. Assim fica suspenso, qualquer trisco, dispara.

Assim os índios pegavam pássaros e os macacos antigamente, para fazer cocares e enfeites.

7.4. Dessano: Ãgã-Yuríká
Português: cerca de espera da caça

A cerca de espera foi criada por um ser com o nome de "Yamãkuru" (mestre das caças). Todas as coisas que ele fez hoje em dia são pedras ou montanhas. No meio da mata era construída a cerca quilométrica (de 1 até 5 km), cada dois metros ou mais era deixado uma abertura (porta) de passagem, com armadilha de vara flexível, com a corda em cima do

gatilho. Assim o animal, querendo passar da porta, indo para o outro lado, pisando na trave, deixando cair, era laçado e suspendido no ar. Todas as vezes quando um animal caía na armadilha, fazia seus girtos e chamava atenção de outros predadores silvestres como: cobra, gavião e onça. São esses animais que roubavam os passados da armadilha.

Assim, os índios sempre andavam armados, vigiando a sua armadilha. Isso eles faziam antes das festas de "Dabukuri".

Também era muito usado no interior.

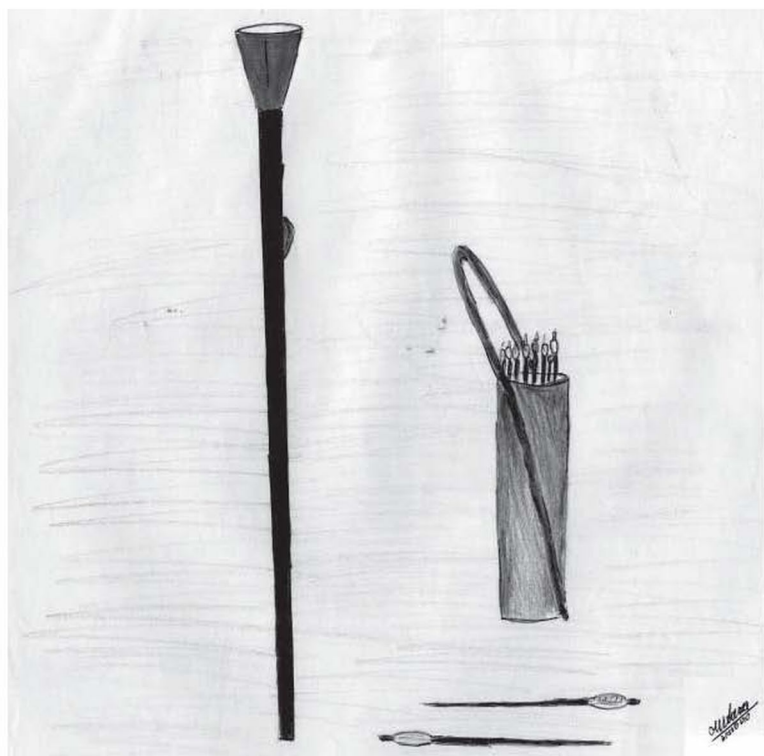
7.5. Dessano: Búhpúwu
Português: zarabatana, setas e carcaça

Foi criado por um deus para matar outro deus, que estava devastando a Humanidade, deixando encher as águas na face da terra,

com o nome chamado "Seh-Goamu". Assim surgiu a zarabatana e as setas com venenos chamadas "curare". É uma armadilha usada para soprar com bastante força, é feita com paxiubinha, é oca por dentro, acompanhada com carcaça de setas com veneno nas pontas. O veneno é extraído do cipó ou das ervas, encontradas nas florestas, especialmente nas montanhas. Elas são raspadas, tirada das cascas, com bastante cuidado em jejum, em seguida é cozida e forma um líquido, no fundo senta o veneno em forma de goma bem preta, com isso os índios colocavam nas setas ou nas flechas. Esse veneno, qualquer trisco, faz adormecer e matar.

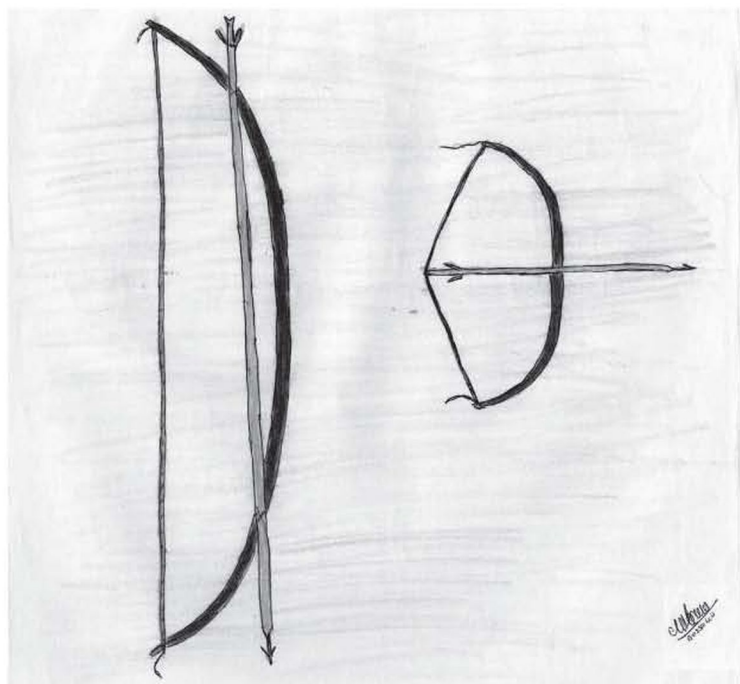
Especialmente era usado para caçar, nos tempos de guerras tribais eram usados para guerrear, matar seus inimigos.

Assim a zarabatana era de uso pessoal de cada pai de família, é usado muito no interior.

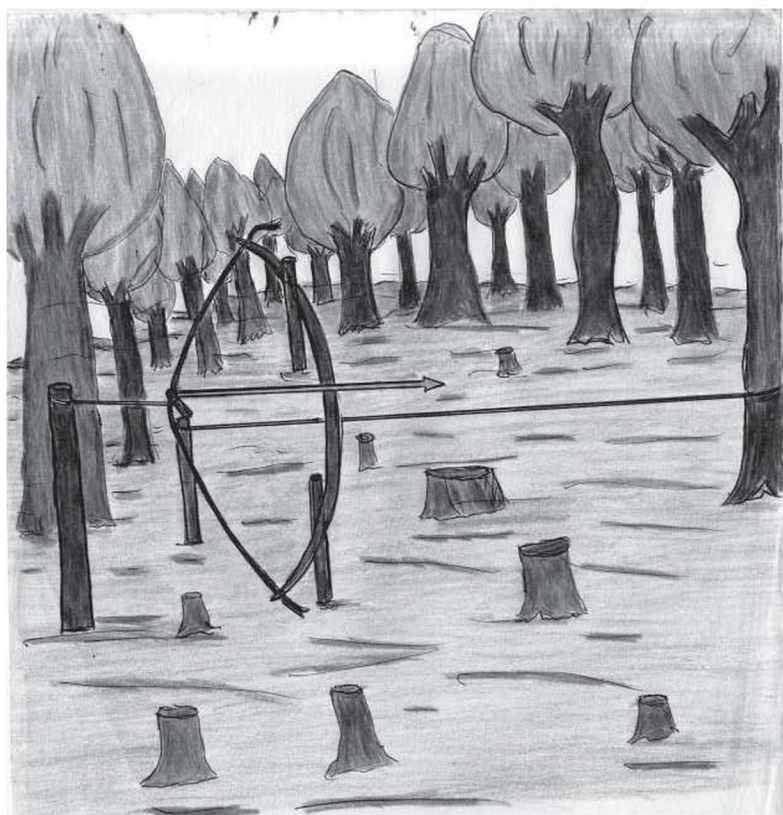
Zarabatana é uma arma indígena.

7.6. Dessano: Buékáhte – Buérirú
Português: arco e flecha

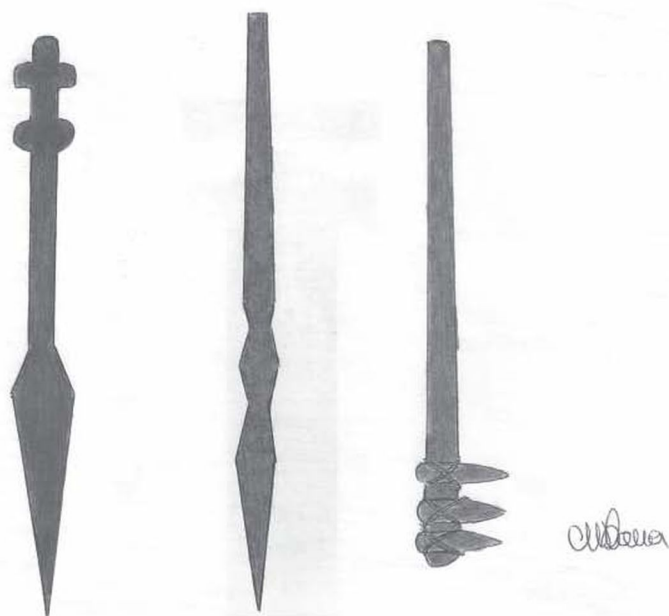
Foi criado pela deusa da Natureza (Waymahra-Pahie-Poo), para poder atravessar da ilha pro outro lado da margem, deu antecipadamente para "manti-pescador", esse pegou para experimentar, gostou e esqueceu a avó, e nunca mais voltou para salvar a velhinha, por isso a versão diz que, quem paga antecipado, nunca recebe de volta e é enganado. Essa é outra história muito linda.

Bem, o arco é feito de pau-d'arco, ou com paxiubão, fica bem flexível e muito resistente, há uma corda para encurvar o arco com o nome de tawari, também resistente. A flecha é de uma flor da planta de flecha, é retirada a planta, em seguida é queimada na brasa do fogo e depois é colocada ao sol, para secar, assim ela fica branca ou amarela, e resistente, depois é colocado o veneno na ponta da flecha, e ela fica pronta para caçar e pescar.

O arco e flecha são de uso pessoal do caçador ou do pescador.

7.7. **Dessano: Yúrikahte**
Português: arco de espera (Caça)

O caçador indígena geralmente quando vê a vareda ou comedia dos animais, ao entardecer, arma um arco e flecha, esticando uma corda fina, quando o animal toca, o tronco cai e faz disparar a flecha na direção do alvo.

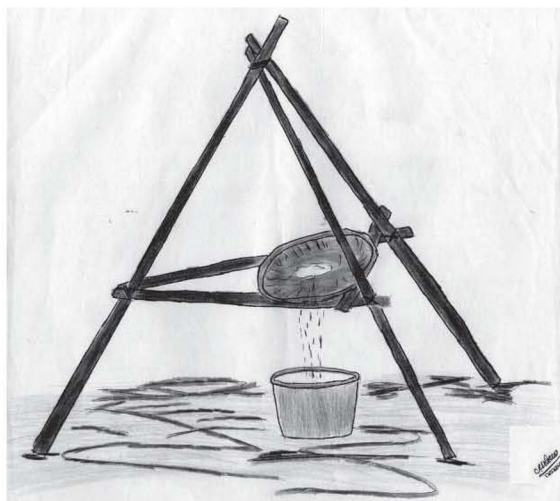
Esse tipo de caça é uso normal no interior.

7.8. Dessano – Waimáhrã – Weri Português – materiais de caças

Os caçadores indígenas muitas das vezes usavam algumas armas para cacetar os animais, como porcos-do-mato (queixada ou caititus). Ficava escondido, no meio das palhas ou dos arabas, esperando passar o bando e atacava os que vinham atrás (últimos), cacetando e furando. Esse tipo de caça era muito arriscado. Os materiais são feitos de pau-brasil ou de paxiubão, nome das armas chama-se: lanças, varas ou esconderijo fatal.

8. Utensílios domésticos

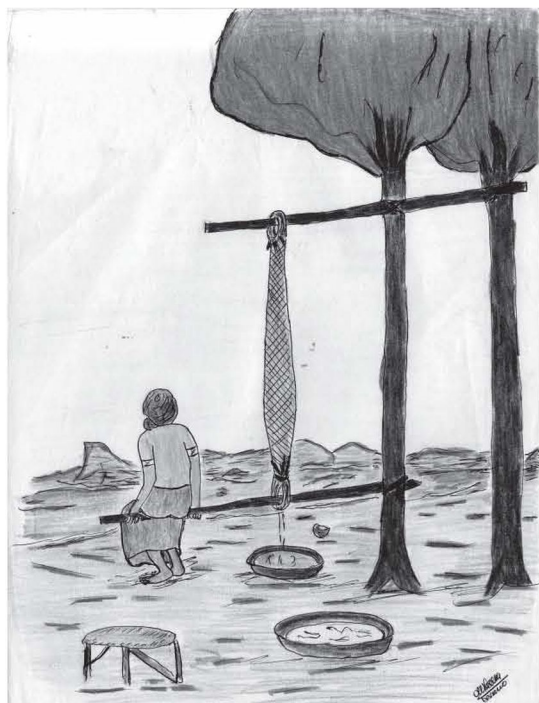
8.1. Dessano: Nãhmã-Kíbipériñe
Português: tripé

O tripé também surgiu desde o princípio da Humanidade indígena, é equipamento usado especialmente para serviços domésticos femininos, é confeccionado pelos homens. É separador da massa ralada da mandioca, e o caldo carregado de goma, filtrado e misturado com água, cai em uma vasilha de tamanho médio, feita de argila (tuiuaca). Depois de algumas horas, o líquido é separado na outra vasilha e em seguia é cozido, tornando-se bebida comum, o qual tem o nome de "Manicuela", temperado com frutas de abacaxi, caju, banana, wacu, cunuri, fica bem doce e é tomado todas as noites e acompanhada das comidas. E o outro líquido separado é deixado por doze horas, em seguida é cozido por trinta minutos, fazem o tucupi amarelo e tucupi preto.

Tripé tem três varas em pé, em formato de pirâmide e duas varas em travessas, as três varas em pé são amarradas na parte superior, tem também uma régua de paxiubão móvel de 1,50 ml, que serve para segurar o kumatá (espécie de balaio filtrador) feito de arumã, fica ao centro entre as duas travessas e a régua, no chão fica a vasilha de barro, para aparar os líquidos.

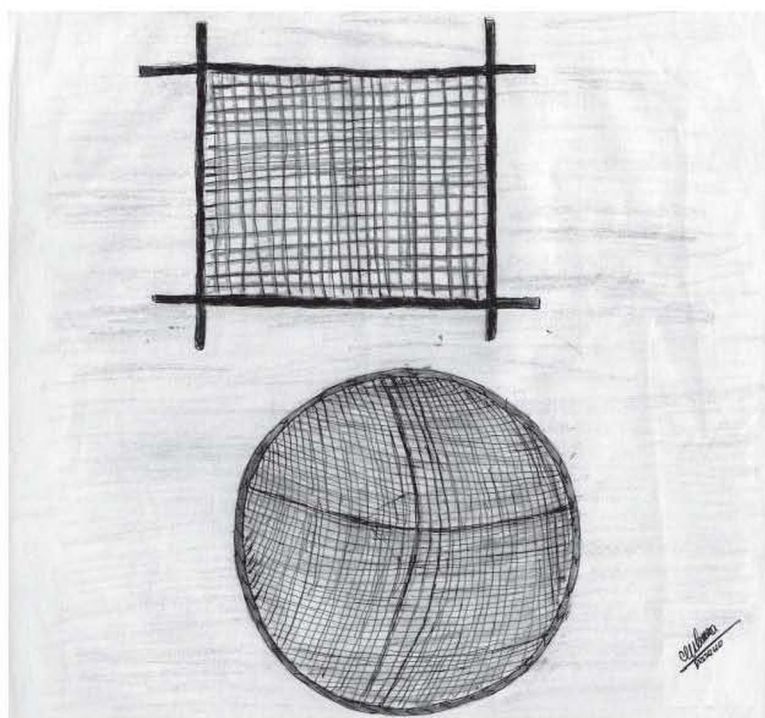
É muito utilizado até nos dias de hoje.

8.2. Dessano: Utahbuúrine – Wããtike
Português: tipiti espremedor

O tipiti é antigo invento da Humanidade indígena, é utilizado especialmente por mulheres, para seus trabalhos domésticos, é confeccionado de arumã ou de jacitara, que são fibras flexíveis para que se possa esticar e encolher. Tem uma vara resistente, amarrada nos dois esteios, e a outra vara solta é engatada numa corda em forma de roda, resistente, que serve para regular e apertar o tipiti para espremer o líquido da massa, próprio para a mulher ficar sentada na vara, fazendo peso, tudo isso é acoplado no esteio grande e resistente. Assim que ficar bem seco, a massa é despejada na outra vasilha chamada balaio, para peneirar e depois torrar, fazendo a farinha e o tucupi (líquido). Sim, o líquido é aparado numa vasilha.

É usado diariamente nas comunidades.

8.3. Dessano: Siruri
Português: peneira

Foi inventado pelos avôs dos Diroas no princípio dos tempos. É feito de talos de arumã flexíveis, tecido ou trançado em forma de círculo, as bordas são feitas com acabamento de jacitara, presas por duas varas redondas.

Há também dois tipos de peneiras: redondas e retangulares. A retangular é chamada "quatro pés". Ambas são para peneirar as massas da mandioca espremidas.

A arumã é uma planta silvestre, com a qual os índios faziam vários tipos de artesanatos, é um trabalho com vários procedimentos, é demorado.

8.4. Dessano: Wáhtásáro
Português: raízes de paxiuba

Paxiúba é uma palmeira bem alta, muito resistente e durável. Antigamente, era usada para fazer os instrumentos musicais, vários artesanatos e armadilhas. As raízes são cortadas onde existem pontas pequenas e grossas, como espinhos, com isso era ralado as mandiocas. Não é confeccionado, e sim extraído da floresta. Há três tipos de paxiúba: grandes –paxiubão, médio-grande – paxiúba, pequeno – paxiubinha.

O paxiubão era usado especialmente na construção das casas em assoalhos, para cercar as casas e também para fazer arcos resistentes.

Paxiuba média também servia como o primeiro.

Paxiubinha é confeccionada em vários tipos de usos, como: zarabatanas, japurutus, kacuris, matapis etc. etc.

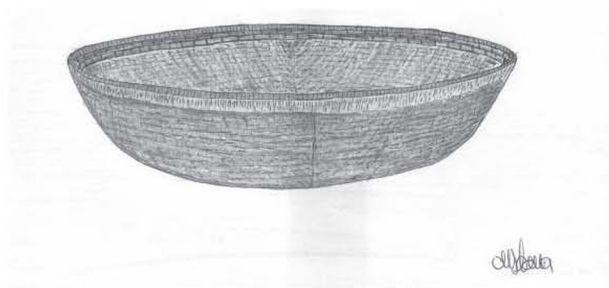
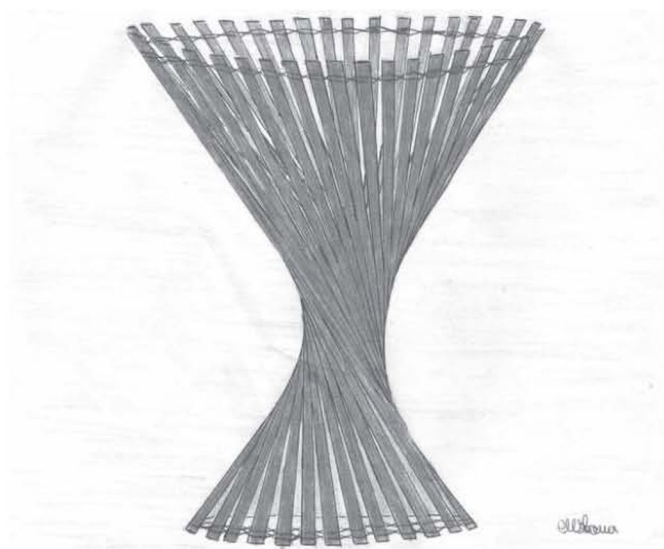
Essas são a família das paxiúbas.

8.5. Dessano: Dohkeriné
Português: maçarico (socador para fazer vinho)

É extraído naturalmente da floresta de qualquer tipo de árvore, para socar e fazer vinho de açaí, buriti, bacaba etc. Possui um tronquinho reto com três pontas pequenas, em formato do pé de pássaro, é material bem resistente. Não é confeccionado, é tirado do mato.

8.6. Dessano: Wuéhkuáro
Português: balaio (bacia indígena)

O balaio é um trabalho especial dos dessanos (umukorimahsã) e também peneiras, tipitis, kumatás, urutus etc. etc. Assim, os índios dessanos são mestres de artesanato, não tem comparação. Todos esses artesanatos são confeccionados com material chamado de warumã. Além desse balaio grande, tinha também balaio médio para pôr beiju, ou outras coisas.

Balaio era usado especialmente durante a fabricação das farinhas e era usado também em vários tipos de serviços.

8.7. Dessano: Sáhrirõ
Português: suporte

O suporte era invisível antigamente e foi criado pela avó do mundo "Yepahburó", e com ela surgiram muitas coisas existentes aqui na terra.

Os índios usavam o suporte para guardar ou colocar comidas, frutas, peixes, pote de quinhapira, entre outras coisas.

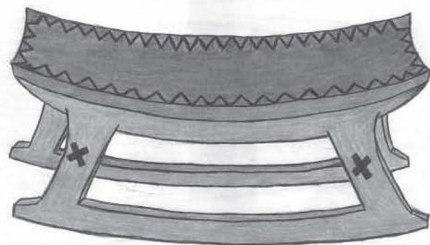
É confeccionado com paxiubinha e tecido com cipó-titica, fazendo em forma de cálice (taça). Assim, apoiavam melhor no chão. Hoje em

dia é muito usado para colocar vasos de flores, guardar frutas, colocar alguns objetos da casa.

Isso é da família das paxiúbas.

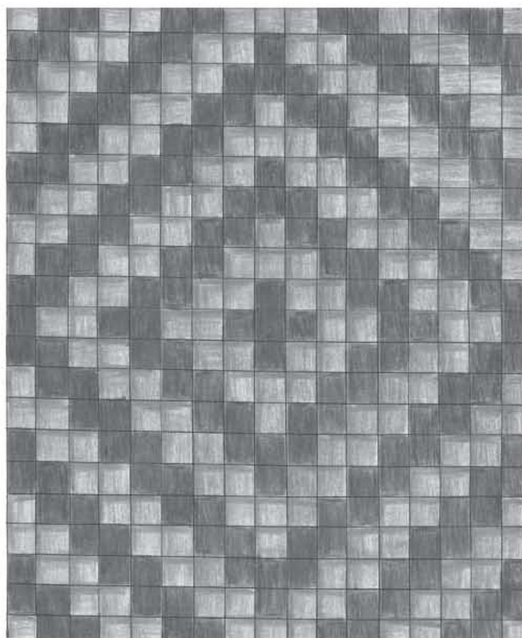
8.8. Dessano: Séhró
Português: banco

A avó do mundo que criou o primeiro banco de mármore quartzo, nele ela sentou e pensou como criar o mundo e os seres humanos, por isso o banco surgiu desde o princípio do mundo, e nele foi imitado os atuais bancos. Antigamente cada qual tinha seu banco para sentar, os bancos médios eram para os jovens e as mulheres, os bancos grandes eram lugares onde sentavam os velhos (idosos) para benzer, trocar ideias, comunicar (conversar) com outras pessoas.

O banco é feito de árvore bem roliça de pau-amarelo, de sorva e de outras árvores. O trabalho é muito delicado e demorado. Esse trabalho era especialidade da etnia Tukana "Namimahsã". O banco também tem várias histórias.

8.9. Dessano: Kuñarine
Português: tupé (esteira)

O tupé é um artesanato inventado pelos índios para sentar ou deitar, era mais usado durante a fabricação de cerâmicas, potes, bacias, todos feitos com tuiuca (argila). Ela é feita de arumã tupé, que é encontrada na beira dos lagos e dos igarapés, ela é uma planta aquática. Juntam

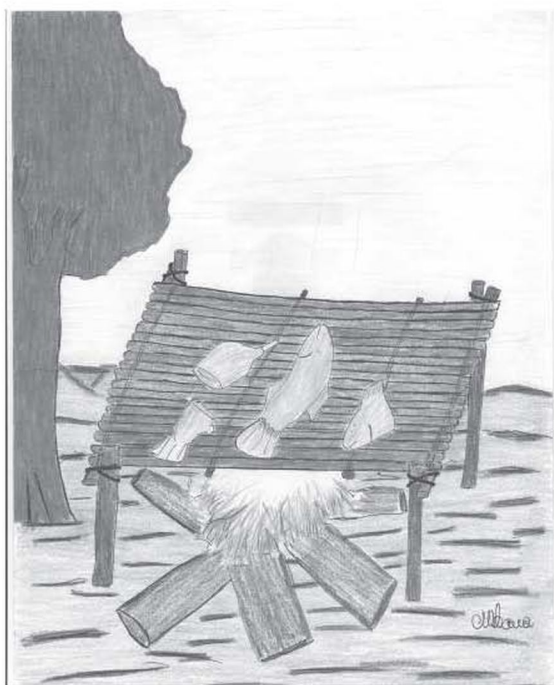
bastante, tiram as buchas, secam e depois pintam e começam a tecer. Ê um trabalho muito delicado e demorado.

Ê o trabalho dos artesães das beiradas (caboclos).

8.10. Dessano: Káhsáru-suhsóhriñe
Português: Jirau (conservação de alimento)

O jirau surgiu também desde o princípio dos tempos. São dois tipos de giral: jirau fixo e grande, que é fincado no chão, usado para defumar quantidades grandes (muitos) e o jirau pequeno ou médio, são móveis, levado e amarrado com corda de cipó-titica, é usado para defumar pequena quantidade de peixes ou carnes. Os peixes ou a carne defumada duram aproximadamente de três a seis meses sem estragar. Por isso os girais são meios de conservação dos alimentos indígenas.

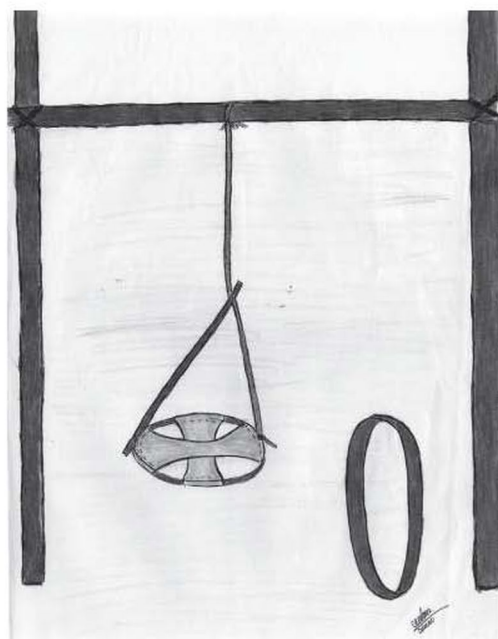
Ê feito de paxiubinha ou de varas finas, são tecidos com cipó-titica ou com corda de ambé, é colocado em cima do fogo aceso e cuidado durante vinte e quatro horas. A cada meia hora, a carne ou o peixe eram

virados para o outro lado, até ficar bem sequinhos, e era estocado dentro da maloca, em um cesto.

É muito usado no interior hoje em dia.

9. Objetos indígenas

9.1. Dessano: Mahiná –Wahriñe-Wahsoribéró
Português: makuru (Balança) tipoia (carregador)

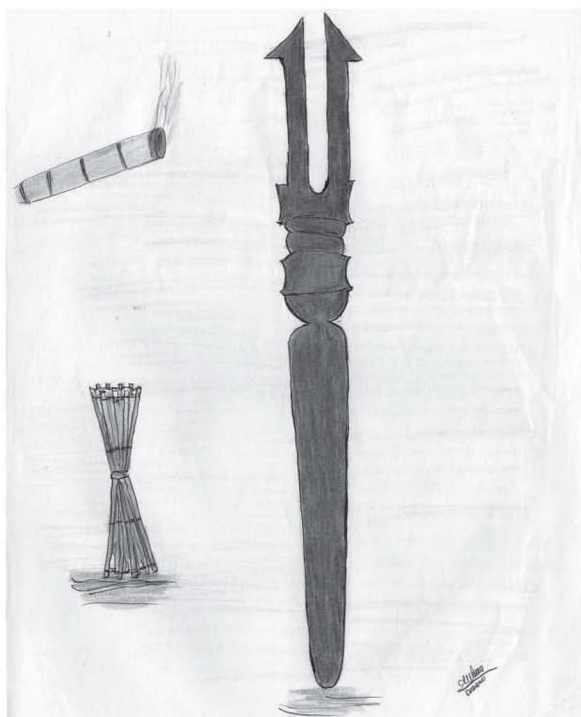
Foi inventado pelos próprios índios, especialmente os pais das crianças. O makuru é feito com duas peças de tuturis relativamente curvados, uma vara para sustentação e uma corda de cipó grosso feito um círculo, onde o bebê é acomodado, e uma corda de tucum bem resistente que serve para suspensão do balanço na travessa da maloca. Serve pare embalar o bebê enquanto a mãe prepara a comida e faz os serviços domésticos. É o melhor amigo da mãe, assim o bebê não precisava nem ser carregado.

A tipoia também foi inventada pelos índios. É usada para carregar os bebês, na frente se for recém-nascido e nas costas se for grandinho. O material é de uma árvore da Amazônia, de estatura bem alta, o nome da árvore é amapá, o leite dela é usado como remédio contra tuberculose e a casca para carregar os bebês.

9.2. Dessano: Utikaro "Murõ-Uhriñe"
Português: porta cigarro e suporte

A avó do mundo que criou o primeiro porta-cigarro, ele era feito de quartzo. Atualmente são feitos de madeira pau-brasil.

É usado especialmente durante as cerimônias e as festividades folclóricas, servia para colocar o cigarro na forquilha, e era colocado no suporte do porta-cigarro. O suporte de porta-cigarro é feito com talo de paxiubinha, tecido com cipó-titica.

O cigarro primeiramente era fumado pelo cacique ou tuxaua, em seguida era passado pessoa por pessoa, masculino e feminino, até chegar ao último, quando voltava novamente na mesma rota até chegar ao chefe, onde parava e era colocado na forquilha (porta-cigarro).

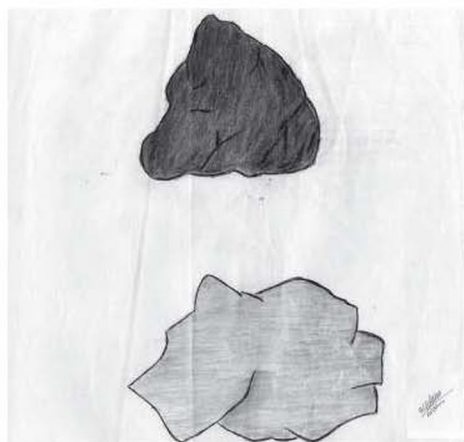
O porta-cigarro tem muitas histórias.

9.3. Dessano: Kóhmepi – Sikãta
Português: breu preto e breu-branco

Os breus são resinas das árvores amazônicas, é encontrado na mata virgem e nos terrenos baixos.

O breu-preto é usado especialmente na calafetagem das canoas e acabamentos dos artesanatos. Antigamente era usado como uma vela. Ex.: Cozinhavam os breus até ficar bem molinho e derramavam no coxo redondo, deixando até endurecer, depois tiravam e colocavam dentro da maloca em pé, uma na entrada, uma no meio e outra próxima da porta de fundo. Durante as festas eram acesos e clareavam a maloca.

O breu-branco era usado especialmente para as cerimônias, como: benzer, espantar maus espíritos e para proteção das malocas.

Além desses, há outros tipos de breus para diferentes tipos de usos e cerimônias, mas todos são resinas das árvores.

Breus são cheiros da natureza.

9.4. Dessano: Báá – Pahká – Soró
Português: cesta provisória

A cesta provisória é um artesanato inventado pelos "Diroa" ou Avôs e são usados para carregar frutas silvestres, como: açaí, bacabas, buritis, ucuquis, jatobá etc. etc. É confeccionado com folhas de patawa ou de bacaba e é usado somente uma vez.

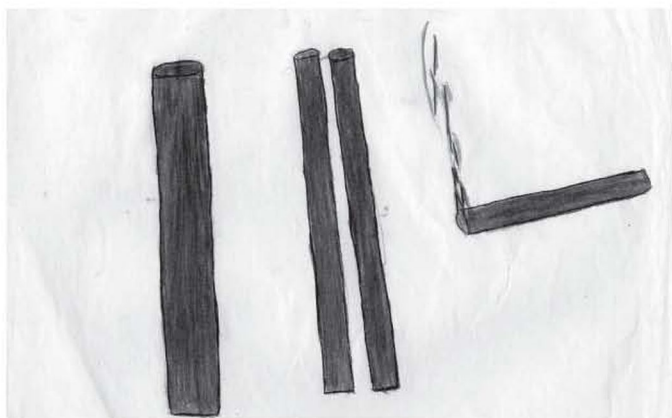
É usado especialmente nas festas das farturas, para transportar as frutas silvestres.

São vários, diferentes tipos de tranças, grandes e pequenas.

9.5. Dessano: Mühpũri
Português: Turi (usado como vela na noite)

O turi é uma árvore de grande porte existente nas matas virgens, seu tronco é rachado, bem fininho igual como ripinhas, é usado para barreamento das casas, usado especialmente para clarear, nas noites escuras, para pescar, caçar ou viajar durante a noite. Queimando (acendendo) as ripas usavam várias atividades noturnas.

Também eram confeccionados vários tipos de artesanatos, como: cestarias resistentes, adornos, espetos, entre outros.

As frutas dela são muito gostosas de comer.

10. Objetos existentes na cozinha comunitária

10.1. Dessano: Umüã – Nohméã – Mohmebári
Português: materiais de uso pessoal na cozinha

Todos os materiais domésticos são de uso comunitário ou individual. Todos, porém, guardavam em seus devidos lugares, dentro da cozinha comunitária.

Os objetos que vou citar são feitos de madeira, especialmente de barro. Exemplos:

Koxo: é uma espécie de vasilha feita de madeira cavada, aberta por cima, tendo duas pontas, as duas partes de carregar o coxo, é utilizado para armazenar bebidas fermentadas.

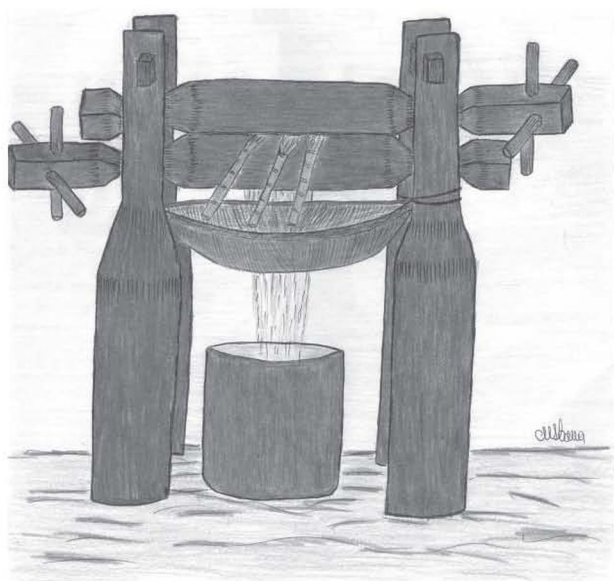
Kamuti: é uma vasilha bem grande, tem forma de pote, é feita de material de tuiuca (argila). Depois de alguns dias, é queimada para endurecer, muitas vezes também é usada para armazenar as bebidas caxiris.

Além desses, são vários tipos de vasilhame, como: trempe de barro, pratos, cozidores de peixes, cozidores de manicoela, torradores de ipadu, torradores de fumo, bacias de barros de todos tamanhos etc.

Todos esses objetos são muito utilizados dentro das comunidades.

10.2. Dessano: Arũ – Arüãriñe
Português: moedor de cana

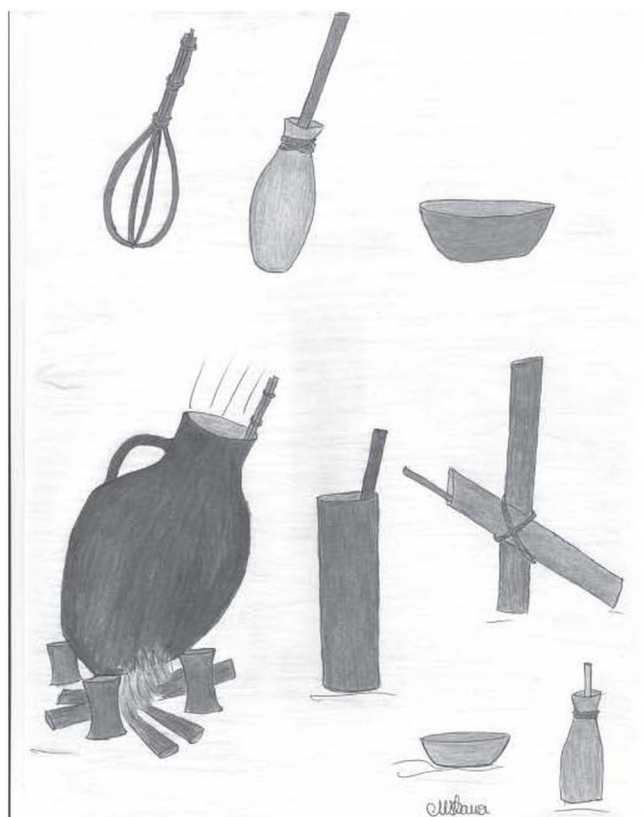
É uma invenção dos índios. É feito de madeira de lei como pau-brasil, dá muito trabalho para confeccionar esse objeto. Colocado no centro de dois troncos fortes, em horizontal, um em cima do outro, na ponta de cada tronco tem quatro varas fixas, para movimentar os troncos, que rolam em sentido contrário uma da outra. Assim, moem as canas, fazendo sair o líquido doce da cana. Com o líquido era temperado o caxiri.

Era usado somente antes das festas importantes.

10.3. Dessano: Ahpi – Mohméri
Português: materiais fabricadores de padu

Os materiais são fabricados (feitos) pelos índios. Todos são feitos de madeira chamada pau-amarelo, são cavados e ocos. Trabalho muito delicado e demorado, com isso era feito os ipadus para mascar.

Primeiro, coletam as folhas, depois torram no forno ou no torneador de barro, deixando bem seco, logo em seguida é socado no

pilão em pé, derramado na cuia e temperado com as folhas queimadas da embaúba verde. Depois é colocada dentro do saco de tuturi para filtrar o pó, batendo dentro do batedor de padu, sai o pó bem verdinho, despejado na vasilha chamada cuia e armazenado dentro da vasilha para mascar.

Todos os materiais eram de uso pessoal dos idosos.

10.4. Dessano: Síbúri – Sibióriñe
Português: fabricador de cachaça (garapa)

A fabricação da cachaça era um meio de fazer bebida forte com caldo de cana. Primeiramente as canas são moídas, o líquido puro aparado em uma vasilha grande, depois é cozido por um camoti. O senhor que vai preparar fica em jejum durante todo tempo do cozimento do líquido. Vai cozinhando todo líquido, forma a evaporação, batendo na tampa, cai o líquido em cima da raia de madeira e escorre por dentro da zarabatana, no final é aparado dentro da garrafa e é pronto para beber.

Assim, são fabricadas as cachaças indígenas, feitas sem muitas misturas, puras de cana.

Hoje em dia, quase não é muito utilizado, porque dá muito trabalho.

Este livro foi composto pela Gráfica Ziló LTDA para Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas, em Minion/kalinga no corpo 11/20 pro e impresso sobre papel offset 90g/m² em abril de 2012.

Onde não havia nada, no meio das trevas, ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de quartzo branco. Enquanto estava aparecendo, ela ficou cheia de enfeites, isso se fez um quarto, chamado em dessano "Uhtãboho taribu" quarto Quartzo Branco.

ISBN 85-65409-16-3

9 788565 409162

Secretaria de
Estado de Cultura

TRABALHANDO PARA
CRIAR OPORTUNIDADES